



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**O DIÁLOGO ENTRE LINGUAGENS NA PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO
INTEGRAL**

GISELE FERREIRA FEITOSA

BRASÍLIA – DF
2010



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**O DIÁLOGO ENTRE LINGUAGENS NA PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO
INTEGRAL**

GISELE FERREIRA FEITOSA

BRASÍLIA – DF
AGOSTO/2010

GISELE FERREIRA FEITOSA

**O DIÁLOGO ENTRE LINGUAGENS NA PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO
INTEGRAL**

Trabalho Final de Curso apresentado à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia, sob orientação da Professora Dr^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

BRASÍLIA, AGOSTO/2010.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O DIÁLOGO ENTRE LINGUAGENS NUMA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO
INTEGRAL

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues (Orientadora)

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Prof^a. M^a. Silvia Lúcia Soares

Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

BRASÍLIA, AGOSTO DE 2010

Para meu filho, Gabriel, pessoa que amo muito e que deu um novo sentido à minha vida e formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela dádiva da vida, pelo amor que tem por todos seus filhos e criação. Por ter me dado a maior alegria que podia receber que é ser mãe do Gabriel e por sempre estar comigo e ser a luz da minha vida.

A minha mãe por ser uma pessoa maravilhosa, por ter me gerado e apoiado em todos os momentos da minha vida e também por ser uma grande mulher e Pedagoga.

A meu pai por ter sido meu herói de infância, e ter me aproximado das artes e principalmente da música, também por, em conjunto com minha mãe, ter me motivado com suas práticas docentes a buscar um caminho na Pedagogia.

A minha irmã Aline, que apesar de sermos tão diferentes, foi uma importante referência para mim, além dos conhecimentos trocados em nossas discussões sobre educação e matemática que colaboraram para minha formação e por ser uma irmã muito amada e admirada por mim.

A minha sobrinha Alice que, mesmo tendo só alguns meses de vida, trouxe ainda mais alegria para minha família e por ver nela e no meu filho Gabriel a esperança da continuação da família e de um futuro melhor para nossa casa, nosso país e o mundo.

À minha falecida madrinha de batismo que sempre incentivou meus estudos, e sempre acreditou na minha capacidade e felicidade. A toda minha família que, apesar das distâncias, sempre me ensinou tanto.

Aos meus amigos de curso, Andiaria, Edivan e Carlos por sempre me apoiarem e serem importantes na minha formação pessoal e profissional, por me apoiarem durante minha gravidez, que foi um momento tão difícil.

A todos os colegas que entraram no curso de Pedagogia comigo e que por vários motivos nos distanciamos, mas deixaram suas marcas em minha vida. Aos colegas que me ajudaram a viver a gravidez da melhor maneira possível.

Aos meus amigos Wellington, Alex e Felipe que ajudaram na minha readaptação à Universidade de Brasília depois que voltei da licença-maternidade e por continuarem a me apoiar e serem verdadeiros amigos. Aos meus amigos que encontrei já na reta final do curso: João Paulo, Paulo, Fernanda, Lília, Breno, Henrique, Ilka, Karini, os quais me mostram outras maneiras de perceber o mundo, e todos que me acompanham e me acompanharam em minha jornada na Universidade de Brasília.

Ao senhor Gilson e a Jôse que trabalham na Banca do Gilson no início sul da ala central do minhocão por serem tão atenciosos e proporcionarem fontes importantes de conhecimento; ao Francisco, cobrador do ônibus L2 Norte/P Sul por sempre, com seu bom humor, fazer da longa viagem à UnB e volta pra casa um motivo de ânimo para não desistir deste percurso cheio de desafios que é a graduação; sem esquecer do motorista Josimar, que sempre espera quando nos vê correndo para alcançar o ônibus.

À querida professora Alexandra por ser uma pessoa tão maravilhosa e excelente profissional que foi um dos meus portos seguros quando estava grávida, e por me fazer acreditar que meus sonhos podem se tornar realidade. Obrigada por acreditar em mim e motivar-me a crescer.

A todos os professores que lecionaram no meu percurso de graduação, aos funcionários e servidores que contribuíram indiretamente e diretamente para minha formação. À Universidade de Brasília pela aprendizagem, amizades adquiridas pelas experiências vividas durante o curso e por ser meu segundo lar durante toda esta jornada.

À minhas amigas Cecília e Angélica que sempre me encorajaram perante as dificuldades e compartilharam comigo as alegrias. Aos meus amigos Gilson e Paulo que abriram meus horizontes com suas idéias divergentes e me emprestando livros.

E a todos que fizeram e fazem parte da minha história de vida até este momento. A todos meu muito obrigado!!!

Jamais considere seus estudos como uma obrigação, mas como uma oportunidade invejável para aprender a conhecer a influência libertadora da beleza do reino do espírito, para seu próprio prazer pessoal e para proveito da comunidade à qual seu futuro trabalho pertencer.

EINSTEIN

Comunicação é troca de emoção.

MILTON SANTOS

Não se pode falar de educação sem amor.

PAULO FREIRE

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre o tema O Diálogo entre Linguagens numa Perspectiva de Educação Integral e tem implicações para se pensar sobre o dialogo como facilitador de um processo educativo integrador. O seu objetivo principal é analisar as possibilidades de diálogo entre diversas linguagens expressivas como condição necessária à construção de uma educação integral. Fruto de inquietações e questionamentos, o referido tema surgiu da formação da autora como filha de professores em constante formação, bem como da sua auto-educação. Na intenção de refletir a cerca destes questionamentos, investigou-se a prática docente da autora nos estágios obrigatórios do curso de Pedagogia. Fundamentada no novo paradigma da complexidade e holismo, utilizando-se os princípios norteadores da Pesquisa Qualitativa, foi realizada uma análise dos vídeos gravados nas práticas docentes. Esta pesquisa possibilitou perceber que o diálogo entre as linguagens expressivas: musical, corporal, imagética, escrita; é uma ótima maneira de promover os encantos de se aprender a viver a escola. Compreendendo que a integralidade é possível, viável, sendo necessário ter clara uma concepção de ser humano, de educação, de linguagem, de vida, além de força de vontade, coragem, determinação e amor para percorrer pelas diversas dimensões humanas. E que a relação dialógica da vida humana, pode sim, participar da escola e de qualquer espaço educativo.

Palavras-chave: linguagens, diálogo, educação integral.

ABSTRACT

This paper discusses the theme "Dialogue between Languages Perspective of Integral Education." Its main objective is to examine the possibilities of dialogue between different expressive languages, as a prerequisite for building a comprehensive education. Result of concerns and questions regarding a position of fragmentation in the educational process, this theme emerged from the author's training as a child in constant training of teachers, as well as their self-education. With the intention to deepen reflection on the author's teaching practice in stages required the Faculty of Education (Project IV) was performed reviewing the pedagogical work developed with children in the perspective of reflective teacher education, research their practice. Based on an innovative paradigm that acknowledges the complexity, holism and interdisciplinarity, and using the guiding principles of qualitative research, we conducted an analysis of "episodes" of the recorded video in teaching practices. The research enabled us to understand that dialogue between expressive language - musical, bodily imagery, writing - is a great strategy to promote the delights of learning to live the school. It is concluded that the construction of an integral education is possible, and must have a clear conception of human being, education, language and life, besides willpower, courage, determination and love to browse through the various human dimensions. And that the dialogic relationship of human life, but can participate in any school and educational space.

Keywords: languages, dialogue, integral education

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
PRIMEIRA PARTE: MEMORIAL.....	14
SEGUNDA PARTE: MONOGRAFIA.....	37
INTRODUÇÃO.....	39
OBJETIVOS.....	40
CAPÍTULO 1: ESCOLA É, SOBRETUDO, GENTE QUE CANTA A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ... SERÁ MESMO?	41
1.1 Origens de uma educação fragmentada e bancária.....	41
1.2 Em busca de um novo paradigma para a educação do novo milênio.....	46
1.3 Educação integral : uma nova perspectiva para o novo milênio.....	49
CAPÍTULO 2: AS LINGUAGENS EXPRESSIVAS: <i>BRINCANDO DE RODA OU SE ESVAINDO NUM FURACÃO?</i>	54
2.1 A linguagem musical: ‘ <i>O que importa é ouvir a voz que vem do coração</i> ’.....	55
2.2 A linguagem corporal: brincar no baile da vida ou se deixar parar pelo comodismo?.....	58
2.3 A linguagem imagética: um mundo no papel ou um papel do mundo?	61
2.4 A linguagem escrita: a descoberta de velhos e novos mundos, ou palavras ao vento.....	63
2.5 Possibilidades e limites do diálogo entre linguagens no contexto educativo: encontros ou despedidas?.....	66
CAPÍTULO 3: OS CAMINHOS DA PRÁTICA PARA A REFLEXÃO.....	71
3.1 Caracterização do Ambiente de Pesquisa.....	71
3.2 Sujeitos da Pesquisa.....	72
3.3 Instrumentos de Pesquisa.....	73

CAPÍTULO 4: A CAMINHO DE UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL: REVISITANDO UM PROCESSO EDUCATIVO.....	77
4.1. CORPOREIDADE E MUSICALIDADE: UM ENCONTRO CÓSMICO?	
4.1.1 Objetivos.....	78
4.1.2 – Desenvolvimento do trabalho pedagógico.....	78
4.1.3 – Reflexão acerca da prática educativa.....	80
4.2. APRENDER O MUNDO NA MAGIA DA COZINHA, REFOGANDO PALAVRAS, MOVIMENTOS, SONS E IMAGENS	
4.2.1 Objetivos.....	81
4.2.2. – Desenvolvimento do trabalho pedagógico.....	82
4.2.3 – Reflexão acerca da prática educativa.....	82
4.3. SENTINDO A VIDA PELOS SENTIDOS OU PASSANDO POR ELA SEM SENTIDO	
4.3.1 Objetivos.....	83
4.3.2. – Desenvolvimento do trabalho pedagógico.....	83
4.3.3 – Reflexão acerca da prática educativa.....	84
4.4 – APRESENTANDO UMA NOVA MANEIRA DE APRENDER A MÚSICA E A CULTURA	
4.4.1 Objetivos.....	85
4.4.2. – Desenvolvimento do trabalho pedagógico.....	85
4.4.3 – Reflexão acerca da prática educativa.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
TERCEIRA PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	91
ANEXOS.....	95

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é constituído por três partes: o Memorial, a Monografia e por fim a Perspectiva Profissional.

A primeira parte, o memorial, relata a minha trajetória de vida, minhas experiências educativas, como entrei no curso de Pedagogia, meu caminho pelo curso e a fomentação do tema do presente trabalho.

A segunda parte, o trabalho monográfico, constitui-se de 4 capítulos. O Capítulo 1 aborda como era a educação antes da criação da escola, que contrasta com a fragmentação do conhecimento, a percepção de educação bancária e em oposição a essa estrutura buscase alternativas no paradigma da complexidade, na transversalidade e subjetividade encaminhando para uma perspectiva de globalidade e integralidade para educação e também a vida. O Capítulo 2 apresenta as linguagens expressivas trabalhadas na prática docente e como elas podem se relacionar e comunicar-se num diálogo integrador. O Capítulo 3 apresenta a metodologia de pesquisa utilizada, contendo o contexto e os instrumentos de pesquisa. E no Capítulo 4 analisa-se alguns episódios da prática docente, na perspectiva de professor reflexivo e investigador de sua prática e as considerações finais sobre o tema.

Na terceira e última parte apresento minhas perspectivas profissionais futuras como pedagoga, na qual demonstro também alguns dos meus projetos de vida.

PARTE I
MEMORIAL

MEMORIAL

Em tempos imemoriais...

Entre florestas, bosques, desertos

Montanhas, jardins, prados

Praias, campos, rios,

Cachoeiras, lagos, oceanos...

Numa terra de elfos e anões,

Fadas, magos, gnomos,

Bruxas, duendes, feiticeiros,

Cavaleiros e dragões, orcs e urgals,

Reis, princesas, rainhas, príncipes,

Nobres e camponeses...

Entre canções, festas, cerimônias,

Serenatas, trovas, festins,

Festivais, bailes, feitiços e magia...

Entre castelos, praças, catedrais,

Mosteiros, vilas, reinos,

Aldeias, tribos, ruelas,

Becos, tabernas, fazendas,

Vilarejos, cidades, cavernas...

No percorrer de lendas, comédias, odes,

Árias, tragédias, mitos,

Romances, epopéias, dramas,

Estórias, prosa, repente,

Contos, crônicas, poesias...

Uma viagem atemporal pelo Universo...

Numa guerra entre tribos, o nascimento de uma criança é a esperança da paz... Um *signal de luz* e fé no bom coração de uma criança *prisioneira de guerra*... Para a *garantia* de um futuro melhor... *Refém* das incertezas da vida e da morte, mas flexível como uma *vara* de bambu ao

vento e de sentimentos mais fortes e verdadeiros que um *bastão* de ouro maciço... É uma *flecha* de *penhor* rumo à liberdade... Que através do casamento, *juramento* de união, paz e amor, professa tempos vindouros... Deixando de *herança*, um *senal de fé* e luz: uma *flor branca*... Fonte de criatividade, mistério, inteligência, intensidade, magnetismo e transformação.

Isto significa ser GISELE numa viagem etimológica entre franceses, germânicos, gregos, teutônicos e elfos.

E foi em homenagem a uma freira, generosa, calma e inteligente, professora da minha mãe, que meu nome foi escolhido.

Uma nota musical

Uma palavra

Um movimento

Uma oração

Uma mente

Um coração

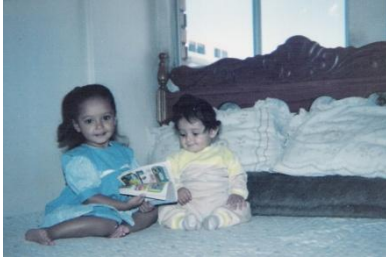
Na arte da vida e da educação

Numa rede de conexões.

Na noite tranqüila de primavera do dia 28 de outubro de 1988, nasci sob o céu estrelado e a lua cheia de Taguatinga, Brasília, Distrito Federal.

Meu pai é pernambucano e trabalhava como vendedor nas lojas Pernambucanas, hoje é pedagogo, formado pelo PIE da Universidade de Brasília. Minha mãe é mineira e trabalhava como pedagoga na Escola Classe 52 de Ceilândia, hoje é aposentada e artesã. Minha irmã mais velha tinha 1 ano e 10 meses, hoje ela é casada, formada em Matemática pela UnB, trabalha numa empresa e recentemente teve sua primeira filha.

Morávamos num apartamento do nono andar de um prédio alaranjado, na CNB3 em Taguatinga, minha maior diversão era jogar coisas pela janela e ver as revistinhas da turma da Mônica que minha irmã 'lia' pra mim.



Quando a licença-maternidade da minha mãe acabou, ela não tinha com quem deixar eu e minha irmã, então nos levava para a sala de aula dela. Normalmente ficávamos em cima da mesa de professor da sala, ou no carrinho que os alunos às vezes balançavam até nós dormirmos. Isso foi até uma sobrinha do meu pai ir morar conosco para cuidar de nós duas e do apartamento enquanto eles trabalhavam.

Aos dois anos fui para o maternal no Jardim de Infância Pimentinha, que ficava na Ceilândia, onde minha irmã estudava. Tenho poucas recordações dessa época, mas ainda lembro da tia Irani nas fotos que minha irmã tirou com ela nas datas comemorativas.

Em agosto de 1992 nos mudamos para uma casa no Setor P Sul da Ceilândia.

Aos 4 anos fui para a escola onde minha mãe trabalhava, e fiquei como aluna ouvinte da turma de primeira série da professora Ivandete. Tinha aprendido a ler e escrever com 3 anos. Minha mãe nos ensinava as palavras, sílabas, letras, quando íamos fazer compras no supermercado. Além de lerem bastante para mim e minha irmã, ela e meu pai.



No ano seguinte fui matriculada na primeira série, na turma da professora Ivandete, de quem gostava muito: sempre conversava comigo e compartilhávamos o lanche, biscoito de nata, de mel e de leite, redondo.

Na segunda série minha professora era a Silvana Rais, de quem só lembro das multiplicações com desenhos e seus cabelos volumosos, e de ter tirado uma foto com ela.

Na terceira série minha professora foi a minha mãe. Era estranho tinha que estudar mais que os outros e não podia chamá-la de mãe, mas gostei de ser aluna dela.

Na quarta série na primeira metade do ano minha mãe foi minha professora, depois ela entrou de licença-prêmio e quem a substituiu o restante do ano letivo foi meu pai. Ser aluna dele foi mais estranho que estudar com minha mãe, ele era mais rigoroso.

Essa fase da minha vida é muito importante na minha constituição como educadora, pois eu era muito comunicativa, conversava com todo mundo, até sozinha, com as plantas do quintal da casa, com o cachorro que era maior que eu, mas que eu amava; ele se chamava Bob, eu chorei quando precisei dá-lo ao meu tio que morava numa fazenda. Eu lia as revistinha da turma da Mônica e os livros de contos de fada e sempre fui imaginativa e gostava de escrever, e assim eu conseguia entrelaçar o que aprendia na escola e o que aprendia em casa e na rua. E já mostrava aos meus pais um interesse grande por educação, uma das minhas brincadeiras favoritas era *escolinha*. Pegava os livros didáticos que eles guardavam e brincava com eles, ensinava meus bichinhos de pelúcia, bonecas e até almofadas, além de contar histórias para nossos bichinhos de estimação. Eu ouvia muita música em casa, desde moda de viola, até Strauss e Beatles. E isso sempre me ajudou a estudar, fazer as lições de casa e trabalhos.

Dessa fase guardo a lembrança de poucos amigos. Lembro do Marcello que amava dindin de uva, e do Giovan que sentava na carteira ao meu lado. E foi com eles que fiz a única travessura escolar que me lembro, colocamos uma tachinha na cadeira de um colega de classe.



Na quinta série fui para uma escola particular, e ficaria lá até o fim do Ensino Médio. Foi o Colégio Tiradentes, na Ceilândia.

Eu tive problemas para me adaptar ao novo colégio mesmo com minha irmã já estudando lá. Era uma aluna quieta e que falava baixo, meus colegas de classe faziam chacota de mim por ser a caçula da turma, filha de professores, baixinha; usar óculos e trancinha e por conversar com os professores. E por isso eu sempre era a última a ser escolhida na educação física, e para fazer trabalhos em grupo, ninguém queria fazer comigo.

Na sexta série, depois de um trabalho de português em grupo que deu errado e a professora permitiu depois que fizesse individualmente, decidi mudar minha postura, e fazer as coisas mais por mim do que pelos outros: eu me viraria pra fazer as coisas sem mais esperar que alguém tivesse a iniciativa de fazer. E provei isso a mim mesma num trabalho de CFB sobre os animais que fiz datilografado em folhas amarelas, foi a única nota 10 da turma, era a professora mais exigente da escola e ela ainda elogiou meu trabalho perante toda turma, o que me deixou profundamente feliz.

No final desse ano na festa de confraternização dos professores da escola onde meus pais trabalhavam, eu ganhei um coelho, que foi um grande amigo para mim. Eu contava estória pra ele, cantava e brincávamos de apostar corrida, e ele me ensinou que a música faz toda a diferença na relação das pessoas com os animais e com as outras pessoas.



Na sétima série, nos dias de prova alguns colegas de classe começaram a me pedir ajuda para estudar, e aos poucos eu me tornava o que eles chamaram depois de a professorinha da turma.

No final desse ano viajei com minha família para Pernambuco, ficamos quase três meses na casa da minha avó paterna. Eu e minha irmã éramos suas netas favoritas, e uma das coisas que ela mais valorizava em nós era sermos estudiosas e gostarmos de estudar. Ela era analfabeta, mas sabia do grande valor da educação para viver melhor. Não pode fazer com que todos seus filhos se alfabetizassem, mas conseguiu que o filho caçula, meu pai, terminasse o ensino médio e alguns anos mais tarde o ensino superior. Nós éramos o orgulho da família e todos

ficavam admirados em nos conhecer, primeiro, porque morávamos em Brasília e depois, por gostar de estudar. Desta viagem resultou que passei a trocar correspondência com meus primos; foi quando percebi como o regionalismo na escrita afeta a comunicação; o bom é que mesmo que não entendesse algumas palavras, eu me lembrava das nossas conversas e podia inferir o significado de cada palavra.



Na oitava série eu já tinha criado um bom relacionamento com os professores e isso facilitava a compreensão da matéria. E aos poucos com ajuda dos professores, fui perdendo um pouco da timidez e consegui aumentar meu tom de voz e me fazer ouvir pela turma.

Foi quando meu pai iniciou o PIE na Universidade de Brasília, o que trouxe discussões muito interessantes sobre a realidade da sala de aula. E também foi nesse ano que mudei de casa, na quadra ao lado da minha antiga casa. Ficamos apenas dois anos lá, mas foi a primeira vez que dei aulas de reforço para alguém: ajudei minha vizinha a estudar matemática. E também foi nesse tempo que fiz aula de flauta doce na igreja; eu já tinha tentado acordeom, mas depois de dois meses o professor foi embora e só aprendi o mínimo de teclado, fiquei na flauta doce por dois anos, depois os músicos que davam aula foram embora. Depois entrei no coral da igreja, mas tive que sair, pois ficou muito longe de casa para ensaiar à noite.

Em casa eu só estudava ouvindo música, e passei a ajudar meus pais na escola, quando não tinha aula (em ocasiões como Conselho de Classe, entre outras). Ia para sala de aula com eles e me dividia entre a sala da minha mãe e a do meu pai, ajudava a olhar a turma quando precisavam sair para rodar algumas atividades, a entregar tarefas, escrever no quadro, fazer ditados, ajudar na recreação, e em casa corrigia provas, atividades, pesquisava textos, digitava as provas, ajudava na confecção da decoração da sala, com cartazes do alfabeto, família silábica, numerais, além dos jogos, bingos, damas.

E assim dava para compreender como era a vida dos meus professores e as dificuldades de cuidar de uma sala de aula. Por isso sempre procurava no meu cotidiano os conteúdos que eu estudava na escola, e se não estivessem ali na minha porta eu os procurava nas histórias que

lia, nas músicas que escutava, nos filmes e desenhos que assistia, e também nos programas da televisão, e eles estavam lá.

Essa foi uma fase difícil da minha trajetória escolar, mas tive muito apoio dos meus professores. A música, a literatura, a leitura, a escrita e as várias outras linguagens me ajudaram a viver melhor. Eu me sentia muito sozinha, mas as linguagens nunca me deixaram desamparada, então eu as misturava em minha imaginação ligando umas às outras, e transformando-as em uma coisa só, e foi assim que aprendi a ver conexões em tudo, uma rede invisível que me ligava ao universo e à humanidade. Então eu não estava sozinha? Seguindo minha intuição fui descobrindo novos caminhos e aprendizagens, e continuando a brincar como antes.

E a comunicação entre eu, filha de pedagogos e eu, estudante, me fazia compreender melhor os processos que vivenciava dentro e fora da escola: não enxergava diferença entre os conteúdos escolares e a vida cotidiana. Como diria a canção: “viver e ser um eterno aprendiz”.



No Ensino Médio eu continuava sendo um ser estranho para turma, porém a tolerância passou a ser maior, já que eu ajudava a melhorar as notas dos colegas.

No primeiro ano conheci colegas que no terceiro ano seriam um grupinho para quase todos os trabalhos. Mais colegas me pediam ajuda para estudar para prova, e assim me tornei a professorinha oficial da turma para todas as matérias. Eles achavam graça nos meus cadernos, pois meu raciocínio era meio “embaralhado” e tinha sempre muitas figuras e setas, mas quando eu explicava tudo ficava mais claro. Era a aluna que copiava tudo do quadro, até o coraçãozinho que o professor desenhava para desejar bom final de semana. E começaram a se formar alguns grupos ao meu redor nas semanas de provas para que eu explicasse a matéria e os trabalhos de grupo começaram a melhorar.

No segundo ano continuei ajudando meus colegas de classe e participei da via sacra da escola, o que me ajudou a quebrar mais a minha timidez.

No terceiro ano, para ajudar uns colegas que tinham uma banda mais ou menos formada, em conjunto com o professor de filosofia montei um projeto de “festival de talentos” que o diretor da escola transformou em uma atividade lúdica para a hora do intervalo das sextas-feiras. E consegui algumas proezas ajudando meus amigos a estudar.

Caso 1: Um dos meus colegas não havia compreendido o conteúdo que iria ser cobrado na prova, então, nos três primeiros horários antes da prova nós estudamos juntos, e no fim ele tirou uma nota maior que a minha, e me agradeceu por isso.

Caso 2: Minha amiga ficou de recuperação final em seis matérias, então eu estudei com ela para cada matéria e ela conseguiu recuperar todas as notas, entender o conteúdo e passar de ano.

Caso 3: Um colega meu ficou pra recuperação em onze matérias, e pediu que desse aula pra ele, nós estudamos bastante, e ele recuperou a nota em dez matérias, só não passando em uma por causa de meio ponto.



Em casa, a partir de 2001, eu, minha mãe e minha irmã nos envolvemos com o desenvolvimento de meu pai no curso PIE da UnB. Nós discutíamos os textos, as construções dos parágrafos, eu e minha irmã nos revezávamos na digitação dos portfólios, dávamos sugestões, e foi quando meu interesse pela educação se tornou mais claro para mim. O TCC do meu pai foi o que mais tivemos que pensar e repensar, considerando que foi um dos momentos mais criativos de atividades e ações na escola e até fora dela. E foi nessa época, quando num dia fui ajudá-lo, que ele me pediu que explicasse uma parte do conteúdo de português para a turma. Eu o fiz com o apoio dele. E pude acompanhar o desenvolvimento de uma turma. Minha mãe pegou a mesma turma na primeira e segunda série e meu pai na terceira e quarta série, criando alguns vínculos que tenho até hoje. Os alunos me enviavam cartas, desenhos, arrancavam florzinhas para me dar e me tratavam com muito carinho.

O que eu vivenciei nos bastidores do PIE me ajudou a melhorar minha vida como estudante, e fomentou em mim muitas inquietações sobre a situação da educação no nosso país, pois pelos trabalhos que meu pai desenvolvia e os projetos que minha mãe criava, tornava-se óbvio que a educação é um forte agente transformador da realidade, e que não é só o mercado de trabalho que a escola atende, mas todas as dimensões da vida. Uma educação inicial de qualidade pode transformar o destino de um país, e até de toda humanidade.



No final de 2004 pra 2005, passei quase dois meses na casa da minha avó paterna, no Pernambuco, mas nessa viagem só foram eu, meu pai, minha prima e meu tio. Depois dela nunca mais escrevi cartas para meus primos.

Eu não consegui passar pelo PAS e isso me deixou um pouco chateada, já que minha irmã tinha conseguido passar, para cursar matemática.

Então minha mãe me matriculou num cursinho pré-vestibular para eu tentar o vestibular do meio do ano da UnB. Eu me dediquei bastante, e a música se tornou mais intensa na minha vida e nos meus estudos.

Mas acredito que o que fez a diferença foi a tranquilidade para fazer a prova e depois do último dia de prova ter saído com minha família para comer pizza.

No dia em que saiu o resultado, eu nem me lembrava, estava tranquila. Foi quando minha irmã ligou e me disse que eu tinha passado. Eu não acreditei, depois de tomar muita coragem fui conferir na internet e lá estava meu nome, eu fiz isso mais de três vezes. Não dava para acreditar, eu tinha conseguido! Depois sentei no sofá e fiquei em estado de choque, até que a ficha caiu. Fiquei super feliz. E comemoramos comendo uma pizza.

Aí foi pura ansiedade até o dia das aulas começarem. Eu não sabia que era estranho, mas minha mãe foi comigo fazer o registro porque eu era menor de idade, só depois que começou o semestre eu fui entender o porquê.

Esse foi um período um pouco tenso pra mim: depois da formatura do meu pai, era meu dever entrar na UnB, já que minha irmã também estava lá. Porém, no momento de escolher o curso, eu fiquei em dúvida entre Psicologia e Pedagogia, eu estava com medo da educação que tanto marcou minha vida; então, no último momento, me decidi por Pedagogia. Não poderia fugir de algo que amo tanto, mesmo não tendo ainda consciência disso.

No dia 8 de agosto 2005 começou minha jornada na Pedagogia na tão sonhada Universidade de Brasília. Era aula de Antropologia e Educação; o início foi o trote do professor carrasco, eu senti um frio na barriga, mas se fosse verdade, eu estava determinada a conseguir vencer, um mundo novo se abria para mim e lutaria por ele com todas as minhas forças. Ainda bem que era só parte do trote, depois a professora de verdade chegou e foi bem agradável. Nesse primeiro contato, ela pediu que nos apresentássemos. Foi engraçado, depois que falei que tinha 16 anos, a turma toda olhou para mim assombrada. Então, eu descobri ser a caçula da turma e ao contrário do que aconteceu da 5^o série ao 3^o ano, eu fui bem acolhida pela turma. Tivemos só um mês de aula, pois em setembro os professores entraram de greve. Esta foi uma experiência angustiante.

Oficina Vivencial foi frustrante. Apesar da sociabilização do momento do lanche, parecia que o professor não tinha muita noção do que fazer na aula. Principalmente depois que ele disse que o curso ia acabar.

Investigação Filosófica na Educação foi uma experiência difícil, pois o olhar do professor, esperando que nós falássemos, era inibidor, mas teve textos que me ajudaram a desconstruir falsos conceitos e (re) construir novas idéias.

Projeto 1 - Orientação Acadêmica Integral foi uma boa experiência, mesmo com algumas dificuldades de comunicação entre professor e a turma. O que mais me marcou foi a construção da caixa-museu e a apresentação da mesma, e como nossa vida nos leva e nós a levamos. Depois da minha apresentação percebi que minha aceitação na turma aumentou. E descobri bons amigos.

Perspectivas do Desenvolvimento Humano foi uma das mais proveitosas, pois foi onde encontrei base para muitas idéias e raciocínios que eu tinha o que me ajudou a me reconstruir como pessoa.

Antropologia e Educação foi a que mais gostei por transformar valores que são tidos como naturais de nossa sociedade em uma construção histórica.

Meu primeiro semestre na Universidade de Brasília foi a concretização de um sonho e também um despertar para as dificuldades da educação em nosso país que afligem todo sistema educacional; foi um reescrever de vida, um lugar onde as conexões que eu seguia intuitivamente estavam mais explícitas, e mesmo sem perceber eram concretas; eu havia chegado ao lar do conhecimento, onde se reconstrói o que você já sabe e te são oferecidos novos saberes.



Meu segundo semestre foi bem conturbado e a Copa do Mundo não ajudou muito.

Canto Coral 1 foi a melhor disciplina que fiz, pois foi a realização de um sonho, cantar e aprender a cantar, e aprendi mais que isso: que cuidar de si é bom para qualquer futura profissão e se for prazeroso, melhor ainda.

Psicologia da Educação foi uma disciplina transformadora, foi através dela que descobri que tinha sofrido bullying durante todo meu percurso na escola particular e que por causa disso enfrentava algumas dificuldades em me relacionar com as pessoas.

História da Educação foi divertida por ver os reflexos dela na minha própria história como estudante.

O Educando com Necessidades Educacionais Especiais foi uma disciplina que me ajudou muito porque minha mãe estava trabalhando com uma turma inclusiva e assim pude perceber a diferença entre a teoria e a realidade.

Pesquisa em Educação 1 foi uma disciplina dramática. O professor não tinha modulação de voz, era um tom constante que dava sono. Aprendi mais lendo a apostila do que com a explicação do professor e vejo que foi uma pena ele só se focar na pesquisa quantitativa.

Organização da Educação Brasileira também foi bem dramático. A Copa atrapalhou muito esta disciplina, além do semestre ser corrido. A professora ficou doente e ainda estava terminando o doutorado, o que fez parecer que o semestre foi só seminário e três aulas expositivas.

Projeto 2 – Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão foi muito gratificante. Depois de todo o esforço para conseguirmos a turma, valeu a pena. Descobrimos os vários papéis do pedagogo e a luta do curso de Pedagogia pelas suas Diretrizes Curriculares, perpassando pela história da Pedagogia, pôde confirmar que o caminho que escolhi é importante para transformar a realidade.

Este semestre me deixou muito contente com o curso de Pedagogia, e me surpreendeu por desconstruir minha visão de que pedagogo só trabalha na escola. Apaixonei-me pelo curso, mesmo enfrentando altos e baixos, e percebi que o fator humano é um dos mais importantes quando se trata de educação.



O terceiro semestre foi o mais cansativo, tanto alunos quanto professores já estavam desgastados pelo ano incomum.

Canto Coral 2 foi minha válvula de escape, além de poder aprofundar mais meus estudos sobre música e foi o que me inspirou a realizar o trabalho final de ciência e tecnologia.

Ensino e Aprendizagem da Língua Materna foi uma disciplina no qual: os textos eram bons e a explicação da professora não, além da falta de organização dela. Foi praticamente uma aprendizagem autodidata.

Ensino de Ciência e Tecnologia 1 foi uma boa disciplina. Percebi que existem muito mais áreas desfalcadas na primeira fase do ensino fundamental do que eu imaginava. De certa forma tentei ligar isso a música e no trabalho final, à confecção de um livro paradidático, que escrevi sobre a voz humana relacionando com o cantar.

Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE foi bastante produtivo (apesar da troca de professora e da falta de sala), por ter me oferecido mais ferramentas para auxiliar minha mãe na sala de aula dela.

Projeto 3 – Projetos Individualizados 1 – O Encanto no Aprender: o lúdico foi maravilhoso, redescobri a magia que a aprendizagem pode ter e me permiti voltar a ser criança para compreender como meus futuros educandos poderão fazer a construção dos conhecimentos.

Fundamentos da Linguagem Musical na Educação foi uma disciplina muito importante na qual pude aprofundar meus conhecimentos musicais e compreender o ensino de música.

Projeto 3 – Projetos Individualizados 2 – Linguagem Musical e Educação foi interessante de vivenciar porque, como sempre, tive curiosidade pela linguagem musical, pude descobrir as relações que a música tem com as outras áreas do conhecimento e percebi que a música está em toda parte.

A Pedagogia se mostrou tão diversificada e fiquei curiosa em saber como ela se relacionava com uma das áreas que mais gosto, a música. Tive que procurar muito até encontrar a disciplina e o projeto3, que foram muito enriquecedores para mim, pois percebi que estava encontrando um caminho para as reflexões e inquietações que trazia da vivência como filha de pedagogos. E pude conhecer os novos desafios que a escola está enfrentando o que me motivou a participar junto com a minha mãe de um Seminário sobre as necessidades especiais. Descobri que nunca mais vou parar de estudar, e isso me deixou muito feliz.



O quarto semestre foi um momento de alegria e crise que eu não imaginava que mudaria minha vida para sempre.

Sociologia da Educação foi uma disciplina maravilhosa na qual aprendi como a educação pode aprisionar e também libertar, e através dos textos e discussões da sala de aula consegui compreender melhor as dificuldades que meus pais enfrentam na escola.

Orientação Educacional foi muito boa, já que a vida da professora como orientadora se relacionava com os textos lidos.

Didática Fundamental foi um desastre: a professora não conseguiu mediar nossa aprendizagem, além da comunicação precária entre ela e a turma.

Educação Matemática 1 foi muito construtivo por ter reaprendido a matemática de uma nova maneira, oferecendo-me instrumentos para discutir a educação matemática com minha irmã.

Projeto 3 – Projetos Individualizados 3 – Linguagem Musical e Educação foi bom para observar o que eu já via na teoria, na prática.

Nesse semestre tive um relacionamento profundo com uma pessoa, mas que não deu certo, porém gerou frutos, nas férias descobri estar grávida.

A música e a matemática sempre me instigaram, assim como a literatura e a leitura, e foi nesse semestre que melhor compreendi o que meu pai trabalhou no TCC dele, sobre a defasagem idade/série, que os saberes que vêm de fora da escola, que por meio da arte se consegue superar as dificuldades e renovar sonhos. Aprendi que em didática eu já tenho experiência, que não é algo dado, é construído e próprio de cada educador, que a transforma para dialogar com o cotidiano.



O quinto semestre foi difícil tanto pela minha condição de grávida como pelas atribulações que tive que enfrentar.

Canto Coral 3 foi o meu refúgio; apesar do cansaço e dos enjôos que me acompanharam durante todo o semestre, foi onde encontrei esperança para superar as dificuldades.

História da Educação Brasileira foi uma boa disciplina e aprendi a ver a realidade e o que está escrito nos livros que estudamos de outra maneira, com mais criticidade.

Processo de Alfabetização foi maravilhoso: nessa disciplina encontrei apoio e forças para reencontrar meu caminho como educadora e como ser humano.

Administração das Organizações Educativas foi a disciplina mais difícil e devo a alguns colegas de classe não ter desistido; aprendi muito, mesmo sendo trabalhada a visão da escola como empresa.

A gravidez mudou os rumos do meu caminho na Pedagogia, alguns conhecimentos se tornaram práticos, e foi através da reconstrução do meu processo de alfabetização e pela música que sempre esteve no meu cotidiano que reorganizei minha vida. E este estado sensível colaborou para ver os nuances que envolvem a rede do saber e do viver.



O sexto semestre foi relativamente tranquilo, fiz a maior parte em exercício domiciliar. À volta para a rotina da UnB foi árdua, mas os professores foram compreensivos.

Políticas Públicas de Educação foi cansativo, pois não tive oportunidade de relacionar os textos com as discussões de sala de aula, e quando voltei fiquei totalmente deslocada na disciplina, mas consegui aprender alguma coisa.

Introdução à Classe Hospitalar foi ótimo, pois percebi que muitos dos cuidados que se deve ter com o educando - paciente, podem ajudar também os educados da sala de aula comum.

Orientação Vocacional Profissional foi um pouco cansativo, mas como já tinha visto um pouco da matéria num semestre anterior, consegui dar sentido à minha aprendizagem.

Educação e Multiculturalismo na Contemporaneidade foi muito bom: reencontrei conceitos vistos em Antropologia e Educação e consegui ampliar meus horizontes conhecendo novos pensamentos e raciocínios.

E foi conhecendo pessoas de outros cursos e conversando com elas que conquistei mais sentido e significado em minha aprendizagem.

O nascimento de um filho muda tudo, e agora eu serei a educadora do meu filho, quem tem que ajudá-lo a conhecer o mundo e prepará-lo pra vida. Nesse momento percebi o tamanho da responsabilidade que traz o trabalho de amor do pedagogo. Pude me fortalecer com tudo que li e ouvi dos professores, construindo novos caminhos para uma nova educação.



O sétimo semestre foi um processo de readaptação à rotina acadêmica que até foi tranquilo.

Apreciação Musical foi uma disciplina divertida. Apesar de o professor ser o considerado o mais picareta no curso de Música, eu gostei da forma como ele fazia a aula, com um pouco de humor e às vezes sarcasmo, mas mostrou que é possível se aprender sorrindo.

Prática Desportiva 1 – Forró e Zouk foi maravilhoso, realizei mais um sonho, o de aprender a dançar, e por me mostrar que o pensador que disse, “corpo são, mente sã”, estava certo.

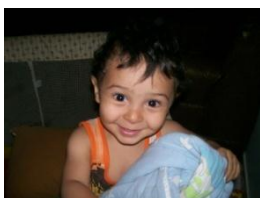
Filosofia da Educação foi ótima, aprendi muito e consegui ampliar minhas reflexões sobre educação.

Ensino de História, Identidade e Cidadania foi interessante de se fazer porque pude repensar e refletir sobre a história que aprendi na escola e como posso ensiná-la.

Educação em Geografia foi ótimo: vimos não só os conceitos, também vimos o como fazer e as várias possibilidades de caminhos a se seguir.

Produção e Leitura da Imagem foi bom de estudar porque mostrou o que se esconde e o poder que as mídias audiovisuais e outras imagens exercem sobre as pessoas e a sociedade, e refletimos como trabalhar com esses meios na sala de aula.

Este foi um semestre para reescrever uma vida, enfrentei meus medos e conquistei novos saberes que me instigaram a reformular minhas reflexões, e a união entre saberes se tornou mais clara em meus estudos do que nunca. E cada vez mais passei a acreditar que a educação não é salvação da sociedade, mas que é fundamental para a transformação da mesma.



O oitavo semestre foi cansativo, porém proveitoso.

Língua de Sinais Brasileira – Básico foi muito proveitoso porque me abriu portas para novas formas de comunicação, novas formas de pensar a inclusão social, além da quebra de preconceitos.

Projeto 4 – Projetos Individualizados de Prática Docente 1 foi bastante proveitoso fazer por poder observar a realidade que me espera e poder tentar modificá-la.

Avaliação nas Organizações Educativas foi muito bom, já que me oportunizou ganhar bases para pensar sobre a avaliação em sua manifestação geral e também como ela está inserida num complexo contexto organizacional e educacional.

Foi uma continuação de superações, e indo pra escola novamente pude ver outro professor que não meus pais em atuação. Foi então que percebi que a concepção de educação de cada educador afeta o modo como ele trabalha, e influencia em como as pessoas aprendem. Fiquei em choque porque tudo que já tinha vivido parecia ir contra o que vi na escola.



O nono semestre foi complicado por causa do stress físico e emocional que me afligiu.

Psicologia da Personalidade 1 foi uma ótima disciplina na qual encontrei respostas para comportamentos, atitudes e conceitos que eu não entendia. E ampliou minha maneira de observar e agir no mundo.

Prática de Conjunto 1 – Canto Coral 4 foi ótimo, sempre se aprende algo novo, e cada música cantada te mostra novas formas de ver a realidade.

Fundamentos da Arte na Educação foi uma decepção porque o professor só trabalhou com Ciberarte em vez dos fundamentos.

Projeto 4 – Projetos Individualizados de Prática Docente 2 foi difícil, mas valeu a pena, aprendi que pequenos momentos podem contribuir para uma nova significação da aprendizagem.

Realmente na escola cada sala de aula é um universo, numa se constrói cidadãos, em outra se entrega a sorte, e em outra não se constrói nada. Com ajuda da psicologia consegui unir em minhas reflexões ainda mais o valor e poder que a arte e a rede do saber têm sobre a educação e a própria pedagogia, o que tornou meu sonho de criar uma escola mais possível de se tornar real.



Esse décimo semestre começou conturbado pela greve dos professores e dos funcionários, da Copa do Mundo, mas está aos poucos voltando ao normal. A construção desse TCC começou desde que eu passei no vestibular; inspirado na fase final no PIE – UnB, que meu pai cursou. A elaboração e o relato de meu pai sobre a apresentação de TCC dele e de seus colegas de

turma me motivou a pensar no TCC como potencial de criatividade. Quando passei no vestibular da Universidade de Brasília para o curso de Pedagogia, as lembranças e recordações do PIE me saltaram em mente e decidi criar em meu computador uma pasta que intitulei “Idéias para o meu TCC”. Nesta pasta criei algumas listas do que eu considerava que podia me ajudar no trabalho de TCC; não sabia como, mas fiz assim mesmo. Então elaborei uma lista de livros lidos fora do âmbito acadêmico, uma lista de músicas, mais tarde uma lista de filmes, desenhos animados e seriados.

Também fiz uma apresentação de slides com fotos que marcaram cada semestre. E como eu cheguei à UnB. Coloquei nesta pasta o que encontrei sobre o ano em que nasci, os fatos que aconteceram nele e também o significado do meu nome.

A cada semestre essa construção foi se ampliando, e as discussões sobre a educação, a sala de aula, e a própria Pedagogia se tornaram mais freqüentes e produtivas em casa, o que me estimulou a conversar e discutir sobre esses temas também com meus colegas de curso e de outros cursos.

Esse processo meio marginal em relação ao processo acadêmico fluente foi muito importante, porque através dele pude maximizar minha compreensão da realidade acadêmica.

As músicas, *Fairy Tale do Shaman*, *Quase sem Querer da Legião Urbana*, *Ilusion da Julieta Venegas*, *Tempos Modernos do Lulu Santos*, *Primavera de “As Quatro Estações” de Vivaldi* foram importantes para compreender a realidade e acreditar na transformação da sociedade pela educação em parceria com outras áreas.

O livro *Musashi (volumes I e II) de Eiji Yoshikawa* me mostrou como a educação é importante para a vida humana. *O Ciclo da Herança (Eragon, Eldest, Brising) de Christopher Paolini* me permitiu ter uma nova visão sobre o poder das palavras, e como o conhecimento pode libertar e aprisionar as pessoas. Em *O Homem que Calculava de Malba Tahan* me mostrou como as linguagens estão intimamente relacionadas.

O filme *Mr. Holland, Adorável Professor* me ensinou mais uma vez como a música é importante para a formação das pessoas e quebrou um preconceito de que os surdos não podem apreciar música.

O filme *Mudança de Hábito 2* mostra como a música pode mudar a comunidade escolar.

E em ambos os filmes a importância da perseverança do professor em relação às dificuldades da realidade escolar. O filme *O Rei Leão 2* me ensinou o respeito pelas diferenças. O anime *Naruto* me mostrou a complexidade da sala de aula, e como o incentivo do professor pode mudar a forma como os alunos compreendem suas vidas.

Cada música, cada livro, cada filme, cada desenho com que me envolvi com todos os sentidos durante a minha graduação tem contribuído para minha formação como pedagoga e ser humano, assim como a vivência de ser filha de pedagogos, e poder discutir com eles o que aprendo na faculdade, enxergando a prática educativa sob novas perspectivas e possibilidades. Hoje percebo que isso trouxe, para minha visão de educação, uma primeira aproximação entre as linguagens.

Esses dez semestres na Universidade de Brasília me ensinaram muito: pude vencer traumas de infância, dificuldades de aprendizagem e de relacionamento com as pessoas, além de abrir portas para novos conhecimentos.

A algumas disciplinas dediquei meu melhor, a outras nem tanto, mas sei que pelos caminhos do ICC Sul, Central e Norte, Pavilhões, Institutos, Faculdades, Centro Olímpico e Centro Comunitário muitos conhecimentos enriqueceram minha formação, além de ajudar a minimizar algumas lacunas.

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz,
Cantar, e cantar, e cantar,
A beleza de ser um eterno aprendiz.
Ah, meu Deus! Eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será,
Mas isso não impede que eu repita:
É bonita, é bonita e é bonita!”(Gonzaguinha)

A Pedagogia me mostrou a beleza de ser um eterno aprendiz. Obrigada!

E para construir meu TCC neste semestre fiz uma releitura do TCC de meu pai, que compreendi melhor agora, sua preocupação com os Saberes e Vivências dos Alunos não Valorizados pela Escola, e da liberdade criativa de escrever seu memorial em forma de poesia, mostrando possíveis caminhos a se seguir nesta fase de conclusão de um ciclo.

Nos caminhos e descaminhos, a educação, a arte, o diálogo, e as conexões guiaram minha vida, meus estudos, minhas idéias. Então, por que não pensar em compartilhar essa nova maneira de ver, fazer, experimentar a vida que é um eterno processo de ensino-aprendizagem?

Novos caminhos,

Novas redes,

Novas histórias

Uma esperança

Para a transformação do mundo

Rumo a algo melhor.

PARTE II

MONOGRAFIA

Arte?

*Que arte?
 Arte da vida?
 Que canta e encanta?
 Ou que espanta?
 Espanta a tristeza
 Com suave beleza
 De corpos ao vento.
 Corpos que se movem
 Ao sabor da brisa
 E do sol do verão.
 Verão de cores
 De eternos amores
 Que ainda estão na memória.
 Memória que vai
 E que vem.
 Lembranças de outrora
 Dos tempos de escola
 Que ficou pra trás.
 Escola que era tão bonita!
 Hoje é só quadro.
 É só giz
 És um pó de esperança.
 Onde está a tua alegria?
 Com crianças que cantam
 Que dançam e pulam.
 Hoje é diferente!
 Menino se cala!
 Menino não fala!
 Menino se senta!
 Este menino já não mais agüenta
 Tanta opressão
 Pois quer dar asas a imaginação
 Quer brincar, sorrir, cantar!
 Transpor as barreiras da estagnação
 Menino de olhar aguçado
 Que vê o futuro
 Através da janela da sala
 Da sala de aula
 Ou seria da janela da alma.
 Alma inquieta
 Que não pede muito
 Apenas uma escola que não seja de vidro.
 Que lhe dê mais espaço
 Para agir, (re)agir, interagir
 Com toda beleza que o cerca.
 Beleza de toque de brisa
 Na flor mais perfeita
 Que há no jardim.*

Luiz Gonzaga Marcolino Feitosa

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto das minhas indagações e reflexões sobre minha formação tendo as perspectivas da realidade de aluna e filha de professores e poder ver os dois lados da moeda da relação professor-aluno me trouxe muitas questões sobre o processo educativo e minha educação como pessoa integral.

Caminhando intuitivamente pelo curso de Pedagogia percebi que a minha trajetória seguia um percurso no qual estava tão imersa que não conseguia vê-lo. Sempre busquei as artes e elas sempre me acompanharam e foi ao perceber as várias conexões que elas me proporcionavam e proporcionam que surgiram inquietações sobre a Pedagogia que estudava; por meio de questões como: Por que parece haver mais sentido numa experiência pedagógica em que a comunicação entre linguagens do que numa experiência pedagógica expositiva tradicional? Qual a importância da arte na educação? Quais são os motivos para ela ser desvalorizada pela escola? Por que a aprendizagem musical modifica a aprendizagem dos outros conhecimentos? Como é possível conciliar conhecimento e realidade? De que forma a escola pode ajudar os educandos e educadores a viver melhor?

E entre tantas indagações e observando minha trajetória como aprendiz foi suscitada em mim a pergunta que considero central na realização deste trabalho: como o diálogo entre linguagens pode colaborar na significação do processo de ensino-aprendizagem numa perspectiva de formação integral do indivíduo?

Essa pergunta surgiu da análise do meu memorial enquanto relembrava meu percurso como estudante, e foi com o intuito de encontrar respostas para compreender a minha formação e a dos outros que caminharam comigo que me dispus a pesquisar sobre o referido tema.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Analisar as possibilidades de diálogo entre diversas linguagens expressivas como condição necessária à construção de uma educação integral.

Objetivos Específicos

- Refletir acerca da construção de um novo paradigma em educação integral.
- Compreender a relação dialógica entre diferentes linguagens como elemento facilitador de um processo de educação integral.
- Analisar a interlocução entre linguagens corporal, musical, imagética e escrita na perspectiva de um trabalho pedagógico interdisciplinar.

CAPÍTULO 1

1 – ESCOLA É, SOBRETUDO, GENTE QUE CANTA A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ... SERÁ MESMO?

1.1 Origens de uma educação fragmentada e bancária

Compreendo a educação como um processo de formação do ser humano no qual se desenvolve capacidades humanas para se viver bem consigo e com os outros. Acontece em todo lugar onde haja relações por meio das quais se ensina e se aprende.

Em aldeias simples onde o poder do trabalho não hierarquizou as relações e não há uso do poder político para disseminar as diferenças, a educação ainda é assim: todos aprendem com todos. O processo educativo reflete e recria a complementaridade social acima das diferenças naturais, assim como nos apresenta Carlos Brandão que diz:

As relações entre a criança e a natureza, guiadas de mais longe ou mais perto pela presença de adultos conhecedores, são *situações de aprendizagem*. A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa. São também situações de aprendizagem aquelas em que pessoas do grupo trocam bens materiais entre si ou trocam bens materiais entre si ou trocam serviços e significados: na turma de caçada, [...] nos grupos de brincadeiras de meninos e meninas, nas cerimônias religiosas. (BRANDÃO, 2006, p.18).

Assim, toda comunidade é educada, todos ensinam e aprendem com os iguais e os diferentes no cotidiano, otimizando a harmonia do grupo.

Com o passar dos tempos algumas aldeias começaram a enriquecer, o trabalho e poder se dividem na comunidade, surgem hierarquias sociais trazendo desigualdades à política das aldeias, nesse momento se inicia um processo de separação na educação:

A sociedade separa e aos poucos opõe: *o que faz, o que se sabe com o que se faz e o que se faz com o que se sabe*. [...] Este é o começo do momento em que a educação vira o ensino, que inventa a pedagogia, reduz a aldeia à escola e transforma “todos” no educador. (Idem, Ibidem, p. 27).

Dessa maneira surge a escola, ainda não como a conhecemos, porém seu papel já foi constituído como prática social controlada por poucos:

Aos poucos acontece com a educação o que acontece com todas as outras práticas sociais (a medicina, a religião, o bem-estar, o lazer) sobre as quais um dia surge um interesse político de controle. Também no seu interior, sistemas antes comunitários de trocas de bens, de serviços e de significados são em parte controlados por confrarias de especialistas, mediadores entre o poder e o saber. (Idem, *Ibidem*, p. 33).

Assim, a educação e a escola passaram a se servir de interesses divergentes descompassando a harmonia comunitária, estratificando a sociedade, retirando muito da significação do processo educativo.

Na Grécia Antiga isso causou uma dualidade na educação que até hoje não se resolveu como Carlos Brandão mostra:

Ali estão *normas de trabalho* que, quando reproduzidas como um saber que se ensina para que se faça, os gregos acabaram chamando de *tecne* e que, nas suas formas mais rústicas e menos enobrecidas, ficam relegadas aos trabalhadores manuais, livres ou escravos. Ali estão *normas de vida* que quando reproduzidas como um saber que se ensina para que se viva e seja um tipo de homem livre e, se possível, nobre, os gregos acabaram chamando de *teoria*. Este saber que busca no homem livre o seu mais pleno desenvolvimento e uma plena participação na vida da *polis* [...] (Idem, *Ibidem*, p.37).

Esta é a cisão entre o instruir e o educar, no qual a instrução para o que é chamado de trabalho pesado fica relegada aos pobres, e a educação torna-se o trabalho intelectual relegado aos ricos e poderosos governantes não mais de aldeias, mas agora cidades, países e até do próprio planeta.

Na Idade Média, a educação passou para o poder da Igreja Católica, que em sua estrutura base não mudou muito do que se tinha na Grécia e em Roma, porém forjou os clássicos caminhos para se chegar à maior contemplação da fé. Na estrutura curricular herdada, mantiveram o *trivium*, no qual constam às disciplinas de gramática, retórica e dialética e o *quadrivium*, formado por geometria, aritmética, astronomia e música. Porém, o ensino destes conteúdos era para poucos, os clérigos.

É dessa época que surge a idéia da educação como instrumento para salvação da alma e vida eterna, hoje, podemos considerar que é para a salvação da sociedade.

O distanciamento do vivido, o formalismo, o exagero na aceitação do princípio da autoridade, que Aranha (1996, p.73) “[...] exige humildade para consultar os grandes sábios e intérpretes,

autorizados pela Igreja, sobre a leitura dos clássicos e dos textos sagrados”, levam ao esvaecimento da criticidade e autonomia de pensamento na educação.

Na Idade Moderna,

[...] com a conseqüente implantação do capitalismo. [...] O crescimento das manufaturas provoca alterações nas formas de trabalho. Os artesãos de produção doméstica começam a perder para os capitalistas seus instrumentos de trabalho e, reunidos nos galpões onde nascem as futuras fábricas, passam a receber salário. A nova ordem se consolida com o mercantilismo, sistema que supõe o controle da economia pelo Estado [...] (Idem, Ibidem, p.104).

Nesse panorama de transformações a filosofia racionalista pode emergir com grande força ao confiar na capacidade do raciocínio matemático, simbolizando a autonomia da razão, na compreensão do mundo e na necessidade de verificar no conhecimento racional um alicerce para a metafísica que comprovasse sua certeza. Tal perspectiva encontrou respostas e expressividade máxima em René Descartes, o seu racionalismo possui quatro preceitos principais:

O primeiro era o de nunca aceitar algo como verdadeiro que eu não conhecesse claramente como tal; ou seja, de evitar cuidadosamente a pressa e a prevenção, e de nada fazer constar de meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito que eu não tivesse motivo algum de duvidar dele. O segundo, o de repartir cada uma das dificuldades que eu analisasse em tantas parcelas quantas fossem possíveis e necessárias a fim de melhor solucioná-las. O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, iniciando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar-me, pouco a pouco, como galgando degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e presumindo até mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros. E o último, o de efetuar em toda parte relações metódicas tão completas e revisões tão gerais nas quais eu tivesse a certeza de nada omitir. (DESCARTES,?).

Esses preceitos provocaram, na elaboração das ciências modernas, a fragmentação do conhecimento e a simplificação do pensamento.

O conhecimento científico se tornou o mais próximo da verdade enquanto o conhecimento popular era menosprezado. As ciências se especializaram mais e mais para simplificar e facilitar seu desenvolvimento, o que na escola criou disciplinas tão específicas que não mais se vê mais unidade entre elas, afastando-as assim da realidade; e dicotomizando o homem e a natureza.

Essa disjunção não permite que se compreenda a unidualidade da relação humana determinando uma dupla visão do mundo. (Morin, 2004).

No século XIX, com o advento do capitalismo e da industrialização, Émile Dürkheim cria a Sociologia da Educação, na qual a educação é vista como um fato social, isto é, se impõe, coercitivamente, como uma lei. Dessa maneira, a ação educativa permitiria uma maior integração do indivíduo à sociedade. E assim se torna um fator de manutenção da estrutura social.

Para Dürkheim:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparada para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, particularmente, se destine. (DÜRKHEIM, 1975. citado por MENDONÇA, 2001. p. 92).

A educação é vista como um processo vertical, no qual o adulto só pode transferir o conhecimento, tradições, costumes, e a criança recebê-los, guardá-los e se modelar à sociedade. E nessa tendência a educação torna-se uma coisa, um organismo determinado a seguir as leis naturais e ao funcionalismo da estrutura social.

No século XX a educação continua recebendo fortes influências de outras áreas do conhecimento, como a Lingüística, a História, a Sociologia, a Psicologia entre outras. E dentro da Psicologia da Educação uma das teorias que mais influenciaram a escola tradicional tecnicista foi a teoria comportamentalista cujo principal representante foi B. F. Skinner (1904 – 1990) que compreende o comportamento humano como efeito das influencias ou energias existentes no ambiente, que podem ser comedidas e manipuladas por meio de um planejamento prévio. (Polonia, Silva, Silva, Brandão, 2002).

Sua teoria está na base do desenvolvimento da instrução programada:

A técnica da instrução programada, pela qual o texto apresentado ao aluno tem uma série de espaços em branco para serem preenchidos, em crescente grau de dificuldade. Se for dado um reforço a cada passo do processo e imediatamente após o ato, o aluno pode ir conferindo o erro ou acerto de sua resposta. O processo foi desenvolvido para criar a máquina de ensinar. (ARANHA, 1996. p.167).

Tal idéia trouxe à educação um maior determinismo na prática pedagógica, tornando o professor o ser iluminado com o saber e o aluno o ser sem luz que nada sabe e precisa do professor para se iluminar com o conhecimento.

E com o avanço das tecnologias surge a tendência tecnicista que foi introduzida no Brasil no período da ditadura militar. Essa tendência privilegia as funções de planejar, organizar, dirigir e controlar, burocratizando a educação, transformando a escola em uma empresa.

Paralelamente, a teoria do Capital Humano de Theodore Schultz, que reforça a tendência tecnicista, se fortificou, espalhando-se pelo mundo. (Mendonça, 2001).

Para Schultz:

O investimento básico no capital humano é a educação [...] a educação formal é considerada capital humano porque originaria conhecimento intelectual, habilidades e atitudes, produzindo maior capacitação para o trabalho e, conseqüentemente aumentando a produtividade. Esse aumento de produção geraria a ampliação da riqueza nacional e individual. (Idem, Ibidem, p.102).

Essa visão econômica da educação incorporou princípios liberais, como o individualismo e a luta por privilégios sociais, dissociando ainda mais o processo educativo.

A educação virou mercadoria, o professor e o aluno, máquinas de ensinar e aprender, e a escola uma fábrica na qual cada um é responsável por seu sucesso ou fracasso, mascarando-se as desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais.

Isto nos leva a uma concepção bancária de educação:

A educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante, [...] em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. (FREIRE, 2006, p. 66.).

Assim a fragmentação não só do conhecimento como também do extrato social chega ao seu clímax, segmentando sociedades, culturas, tornando homem e natureza um antagonismo crônico, que alimenta a desfiguração da vida e do mundo.

A educação bancária mitifica o processo educativo ao tornar o educador em mero transmissor do conhecimento, lhe roubando toda autonomia, esperança e liberdade para refletir sua prática e a teoria que o aprisiona. E reduzindo o educando a receptáculo que é podado e acredita que sua vida e suas relações no mundo são imutáveis, e que a economia está sempre com a razão,

além disso, a educação bancária não reconhece a construção de significados e sentidos realizados por educandos e educadores.

A realidade segmentada cega educador e educando, que não vêem esperança na transformação social, desvalorizando o processo educativo e suas implicações na realidade.

A escola dissocia quem será patrão e empregado, naturaliza as desigualdades sociais e conforma os mais necessitados dos serviços da escola e da educação.

O conhecimento fragmentado gera especialistas que, cada vez mais especializados, já não conhecem mais o real e, quando os governos os une para resolver problemas para a humanidade, suas sugestões e resoluções não conseguem atingir o fim esperado, desfigurando ainda mais o mundo.

1.2 Em busca de um novo paradigma para a educação do novo milênio.

A educação por muito tempo esteve presa à dissociação que aflige o universo contemporâneo: corpo/alma, sentimento/razão, sujeito/objeto, finalidade/causalidade, espírito/matéria, existência/essência, entre outros pares dialógicos complementares que constituem a vida universal.

Assim, a escola, além de segmentada, prioriza um componente do par dialógico, que se torna a negação do outro. Prefere-se a competitividade e não a solidariedade, a cognição ao afeto/emoção, o silêncio ao perguntar, o medo ao respeito. Essa priorização não é regalia da escola, ela acontece na maioria das instituições humanas.

Porém essa realidade pode mudar, já que o próprio processo de globalização tem exigido mudanças na estrutura de compreender o mundo. Edgar Morin (2003) mostra como na atualidade o próprio conhecimento e realidade nos levam a busca de um novo paradigma, de uma nova maneira de viver o mundo.

Primeiramente é abordada a questão de que “toda e qualquer informação tem apenas um sentido em relação a uma situação, a um contexto”. Mostrando a importância da contextualização das informações para melhor compreensão do conhecimento, das informações, da realidade. Depois cita Pascal que diz: “Não posso conhecer o todo se não conhecer particularmente as partes, e não posso conhecer as partes se não conhecer o todo” para revelar nossa realidade multidimensional e como o princípio da separação nos torna cegos ou míopes na compreensão da realidade e do conhecimento.

Fala-nos sobre o fenômeno de auto-organização que leva a idéia de circularidade, circularidade retroativa, circularidade autoprodutiva que consiste no fato de produtos e efeitos serem necessários ao produtor e ao causador do fenômeno. E que somos seres trinitários “ou seja, somos triplos em um só. Somos indivíduos, membros de uma espécie biológica chamada Homo Sapiens, e somos, ao mesmo tempo, seres sociais” que revela o grande tesouro da humanidade: sua diversidade.

Morin ainda nos mostra que o problema essencial da falsa racionalidade é “complementar o pensamento que separa com outro que une” e lembra-nos que “*Complexus* significa originariamente o que se tece junto. O pensamento complexo, portanto, busca distinguir (mas não separar) e ligar”.

E assim, estabelece alguns princípios guias para pensar a complexidade que são: Princípio sistêmico ou organizacional, “hologramático”, do anel retroativo, do anel recursivo, de auto-eco-organização (autonomia/dependência), dialógico e da reintrodução daquele que conhece em todo conhecimento.

É uma maneira de “repor as partes na totalidade, de articular os princípios de ordem e de desordem, de separação e de união, de autonomia e de dependência, em dialógica (complementares, concorrentes e antagônicos) no universo”.

Segundo Garcia (2002):

A transversalidade e a interdisciplinaridade são modos de se trabalhar o conhecimento que buscam uma reintegração de aspectos que ficaram isolados uns dos outros pelo tratamento disciplinar. [...] As interconexões que acontecem nas disciplinas são causa e efeito da interdisciplinaridade. (Idem, Ibidem, p.82).

Esses modos de trabalhar o conhecimento são maneiras de aplicar a complexidade na educação que encontram em temas amplos meios para se desenvolver:

Temas cujo estudo exige uma abordagem particularmente ampla e diversificada. Alguns deles foram inseridos nos parâmetros curriculares nacionais, que os denomina Temas Transversais e os caracteriza como temas que “tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano.” [...] São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrossociais e também de atitudes pessoais [...] (Idem, *Ibidem*, p. 82).

Os temas transversais devem atravessar o planejamento dos diversos professores das várias disciplinas, para que não caiam no reducionismo da forma disciplinar. O professor não deve abrir uma brecha na sua aula para trabalhar um tema transversal, mas no trabalho cotidiano e nas situações vivenciadas na realidade da sala de aula perceber como esses temas vêm ao encontro da classe.

E segundo SCALCO e UDE (2003) é o tema transversal que provoca o movimento transdisciplinar no processo pedagógico, entendido como “movimento [...] por parte dos professores e alunos compreendendo a abordagem de temas que, ao atravessarem o campo das disciplinas, resgatam o sentido do conhecimento”.

Isso quer dizer que através desses temas é possível criar conexões na comunidade escolar que aperfeiçoam a construção de sentidos e significados do processo educativo, compondo uma teia social na qual se trocam saberes e estabelece novas alternativas para o papel sociocultural da escola.

Assim, a subjetividade volta à discussão, vivência, desenvolvimento do cotidiano da sala de aula sem medo da racionalização. Essa subjetividade entendida como: “A organização dos processos de sentido e significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua” (GONZALEZ REY, 1999).

Para que a educação auxilie na aprendizagem da vida, precisamos de uma educação como nos diz:

[...] que auxilie a mergulhar profundamente na exploração pessoal para encontrar significado da identidade e a conexão com a visão cósmica da própria vida. [...] Uma educação que encoraje a experimentação direta da vida, em primeira mão, para ancorar a produção de ideias próprias, e não para produzir apenas imagens e idéias dos outros. [...] Uma educação que ative a imaginação e a capacidade de sonhar. [...] Uma educação que substitua o controle e o poder por uma atitude de reverência à vida, em todas as suas manifestações, e estimule o ser humano a reverenciar a si mesmo e ao outro. (COLLA, 1999, p. 144)

Uma educação que dê mais sentido a vida, integrando suas diversas dimensões na qual a conjugação dos pares dialógicos volte à unidade e restabeleçam a proximidade com o real, buscando a construção do paradigma holístico, compreendendo a frase de Pascal: O coração tem suas razões, que a própria razão desconhece. Como um novo preceito do processo educativo, que tem no afeto a mola para a construção de novos caminhos da humanidade.

1.3 Educação integral : uma nova perspectiva para o novo milênio

*Cada um de nós compõe a sua história, Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
De ser feliz ... uma realidade possível?*

A educação para a vida percebe o ser humano em sua globalidade, desenvolvendo suas variadas dimensões (social, psíquica, afetiva, cognitiva, corporal, estética, etc.), também suas diversas habilidades e capacidades.

E para isso precisa romper com as cisões provocadas pela fragmentação e simplificação do pensamento e do conhecimento. E uma das mais graves, na área de educação é a cisão entre cognição e a sensibilidade.

A cisão entre cognições e a sensibilidade marcou profundamente o pensamento do mundo ocidental nos últimos séculos, condenando a ciência e a educação a um racionalismo exacerbado e expulsando a singularidade e os afetos de suas práticas (Restrepo, 2001). Razão e cognição não se situam em territórios opostos:

“[...] há sempre na emoção algo de razão e na razão um tanto de emoção, embora se tente, a partir de diferentes óticas, afirmar o contrário. Os sentimentos não podem continuar confinados ao terreno do inefável, do inexprimível, enquanto a razão ostenta uma certa assepsia emocional, apatia que a coloca acima das realidades mundanas. A separação entre razão e emoção é produto do torpor e do analfabetismo afetivo a que nos levaram um império burocrático e generalizador que desconhece por completo a dinâmica dos processos singulares.” (Idem, *Ibidem*, p. 37).

De acordo com o autor, a dissociação entre o emocional e o racional gera um *analfabetismo afetivo*, do qual nem nos damos conta. A nosso ver, essa postura, herdeira do paradigma cartesiano, não pode com certeza perpetuar-se no universo das sociedades e da educação após provocações como as de Vigostki, que na sua obra alertou, já no início do século XX, para a indissociabilidade entre cognições e afetos, e mais recentemente, de autores como Morin, na Europa, que nos fez compreender como tudo é tecido conjuntamente; e ainda de Restrepo, na América Latina, ao introduzir a interessante expressão *cognição afetiva* e alertar para a importância da corporeidade, em especial dos sentidos proximais (valorizando o tato, que implica o toque), pouco reconhecidos na sociedade e, em especial, na escola, que supervaloriza os sentidos distais (visão e audição). Assim, a partir dessas colocações, o autor convida-nos a repensar a função da escola, em especial do pedagogo, que é

“[...] formar sensibilidades, e para isso, deve passar da razão teórica à razão sensorial e contextual, cinzelando o corpo sem pretender atracá-lo à dureza do código ou esmagá-lo com a arrogância professoral que desconhece as potencialidades da singularidade humana” (Restrepo, 2001, p.35)

Escola e pedagogo precisam (re) descobrir seus sentidos, corpos, sentimentos, para que a integridade do processo educativo possa ser efetivo, oportunizando que o tesouro da humanidade se enriqueça cada vez mais com as novas oportunidades de diálogo entre os sentidos e as linguagens.

E lembrar do que nos diz Freire (2000): “Não há docência sem discência, ensinar não é transferir conhecimento e ensinar é uma especificidade humana”. Assim, torna-se mais claro as dimensões humanas que habitam dentro e fora da escola, abrindo-se para o mundo.

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História. (Freire, 2000).

O diálogo abre portas para o movimento transdisciplinar do processo de ensino-aprendizagem significando o conhecimento e a realidade.

Segundo os quatro pilares da educação (DELORS, 1996) há quatro aprendizagens fundamentais que devem organizar a educação para o século XXI que são: *Aprender a conhecer; Aprender a fazer; Aprender a viver juntos, aprender a conviver com os outros e Aprender a ser.*

Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida. (Idem, Ibidem, p.101).

Esse pilar nos leva a adquirir os instrumentos para a compreensão do conhecimento, vindos das diversas instituições humanas tendo consciências de sua medida e finalidade, para (re) descobrir as potencialidades de cada um numa dimensão também de autoconhecimento.

Aprender a fazer, a fim de adquirir, não somente uma qualificação profissional mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se ofereçam aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho. (Idem, Ibidem, p.101-102).

Nos leva a aprender para melhor agir sobre o mundo, é a superação do fazer que segmenta, que oprime, para um fazer comunitário que liberta, é uma volta a idéia do trabalho na aldeia global, que ajuda na construção da pessoa planetária.

Aprender a viver juntos, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos - no respeito pelos valores do pluralismo da compreensão mútua e da paz. (Idem, Ibidem, p.102).

Uma necessidade para que possamos participar e colaborar nas diversas atividades humanas, é aprender a se colocar no lugar do outro para melhor compreendê-lo e assim, fortalecer a solidariedade humana.

Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. (Idem, Ibidem, p.102).

Uma aprendizagem que permeia as outras três, e que vai além já que pretende o desenvolvimento total da pessoa para que consiga ser autor da própria história. “Conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver seus talentos e permanecerem, tanto possível, donos do seu próprio destino” (Idem, Ibidem, p.100). Assim o amor que é fundamento do dialogo pode criar e recriar a *pronuncia* do mundo que liberta o homem e transforma a sociedade em uma realidade mais justa e solidária.

O que aprendi ensinando

Que o aluno é professor.

Que a escola é a vida.

Que o humano é a matéria.

Que o recurso é a criatividade.

Que o método é o diálogo.

Que o conhecimento não tem fim,

E que o fim é só o começo.

Que o saber é a busca.

Que o sistema é o entrave.

Que nota é uma mentira.

Que o aprender não é resultado

E que o resultado de tudo isso...

É que eu sigo professor e sigo aprendendo.

CAPÍTULO 2

2 – AS LINGUAGENS EXPRESSIVAS: *BRINCANDO DE RODA OU SE ESVAINDO NUM FURACÃO?*

“Os olhos são os intérpretes do coração, mas só os interessados entendem essa linguagem.”

(Blaise Pascal)

*Penso com os olhos e com os
ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz
e a boca.*

Sou místico, mas só com o corpo.

*A minha alma
é simples*

(Fernando Pessoa)

No âmbito do novo paradigma científico que aborda uma concepção mais complexa da realidade, também surge um novo humano, revelando as várias dimensões do todo e também o todo nas várias dimensões, o humano visto como ser eco-biopsicossocial, um misto de razão, emoção, arte, ciência, sentimento e pensamento.

Este humano dialógico que se descobre irmanado com a natureza e não seu dono precisa reencontrar sua identidade planetária, redescobrir seus elos com o cosmos; e talvez um caminho seja redescobrir suas linguagens como parte constituinte de qualquer indivíduo e não algo externo que só escolhidos possuem ou podem possuir; e também o silêncio que acalenta o espírito humano: “O silêncio é o receptáculo cósmico em que todas as linguagens são guardadas. Ele é a mãe de todas as linguagens e contém todas elas em si. Sem silêncio não há linguagem.” (PASCUCCI, 2005, p.50)

A música, o teatro, a dança, a corporeidade, a imagem, a palavra, o cinema e todas as demais artes e linguagens expressivas são fundamentais para a comunicação do humano com o próximo, consigo, com o mundo e também o divino. É no diálogo entre elas e nas suas inter e intra-relações que o humano se faz mais humano e descobre o mundo que o revela como tal.

E é através das linguagens que vejo possibilidades de transformação na educação e na humanidade.

2.1A linguagem musical: *‘O que importa é ouvir a voz que vem do coração’.*

A música é a arte do som e do silêncio, que inflama a alma humana desde épocas imemoriais de nossa história. Da natureza ao corpo, do corpo aos objetos, os sons do cosmo nos inebriam, instigando a buscar a completude, a liberdade, a espiritualidade e o inconsciente. Traduzem em nós a vida do tempo eterno e nos fazem bailar pelos caminhos do saber e do sentir.

Assim, como

“[...] A música nos serve para desdobrar os sentimentos comprimidos em nosso íntimo. Escolhemos os materiais que ressoam com mais facilidade e com eles fabricamos instrumentos sonoros: metais e pedra, bambu e seda, cabaço e argila, pele e madeira. O céu age do mesmo modo. Também ele escolhe o que ressoa com mais facilidade: os pássaros na primavera; o trovão no verão, os insetos no outono; o vento no inverno. Uma após a outra, as quatro estações seguem-se numa caça que não tem fim. É seu contínuo transcorrer não é, talvez, uma prova de que o equilíbrio cósmico se rompeu? O mesmo vale para os homens: o som humano mais perfeito é a palavra. A literatura, por sua vez, é a forma mais perfeita de palavra. E assim, quando o equilíbrio se rompe, o céu escolhe os mais sensíveis entre os homens, e os faz ressoar.” (Han-Yu, citado por PASCUCCI, 2005, p.20).

Isso é o que também encontramos nos verso do *Soneti Dimostrativi*, que acompanham os quatro concertos mais famosos de *Il Cimento dell' Armonia e dell' Invenzione* (que significa o combate da harmonia e da invenção), o Opus 8 de Antonio Lucio Vivaldi, conhecido como *As Quatro Estações*, que provavelmente também foi escrito por ele.

*A primavera chegou e, festejando,
Os pássaros a saúdam com seu alegre canto,
E as fontes, ao soprar da brisa,
Jorram em doce murmúrio.*

[...]

*Arranca dos membros abatidos seu repouso
O temor dos relâmpagos, dos ferozes trovões,
Que movimento das moscas a multidão furiosa!*

[...]

*Faz a todos irromper em danças e cantos
O ar temperado e aprazível.
E a estação convida a todos
A gozar de um dulcíssimo sono.*

[...]

*Um tremor gelado traz a neve invernal
Ao severo soprar do hórrido vento,
Corre-se, batendo-se os pés a todo momento;
E pelo excessivo frio batem-se os dentes.*

[...]

(Grandes Compositores da música clássica, 2009).

Isso me leva a concordar com Pascucci (2005) quando diz:

Movemo-nos num mundo sonoro. Valemo-nos de sons para nos comunicar e é através deles que recebemos e enviamos informação. É através deles que aprendemos. A linguagem está feita de sons; a natureza é uma composição ininterrupta de sons; o universo inteiro canta os seus sons, mesmo que o nosso ouvido não possa captá-los. Sem som não há palavra e, portanto, não há comunicação verbal. (p.25)

A nossa principal linguagem de comunicação é através dos sons e silêncios do mundo que permeiam nossa vida.

Como nos diz Max Picard, citado por Pascucci (2005):

O som da música não é como o som da palavra que é oposta ao silêncio, ele é paralelo ao silêncio. É como se os sons (da música) fossem em direção ao silêncio, empurrados por ele ao seu plano.

Música é Silêncio dormido que começa a sonhar. Nunca podemos ouvir tanto o silêncio como quando a última nota pára de ressoar. A música vagueia no espaço e ela poderia, de uma vez só, ocupar todo espaço, mas isto não acontece assim. Ela vai ocupando o espaço aos poucos, timidamente, com ritmo, sempre voltando à mesma melodia, como se os sons não tivessem se mexido do lugar.

E isto faz com que pareça que ela está no espaço ilimitado e ao mesmo tempo limitada a um lugar: docemente a música nos faz achar que a

amplitude e a cercania, o infinito e o limitado estão juntos e isto é benéfico para a alma... a música leva a alma à plenitude, onde ela pode ser ou estar sem medos. (p.44-45).

A linguagem musical é um fenômeno universal construído culturalmente. É constituída de sons, silêncios e ruídos que desde os primórdios da vida humana acompanham o ser humano em sua história e em sua educação.

Como nos mostra Rosa (2000):

Nas sociedades primitivas, música e dança expressavam alegrias, tristezas, inquietações e animosidades da comunidade. As pessoas cantavam e dançavam, exteriorizando emoções; a música era constante e indispensável à vida grupal. Mesmo quando não apresentam formas de expressão sofisticadas, as manifestações musicais constituem uma linguagem com traços característicos de cada sociedade. (p.13).

A música expressa emoções, sentimentos e ideias; é uma ação criativa que revela a natureza humana, e que recria o mundo.

Segundo, Pascucci (2005, p.38):

“Na antiguidade, a música estava relacionada aos Deuses. Ela era considerada expressão da energia cósmica que se plasma na terra.” Isso nos faz compreender a importância que os povos antigos davam a tal linguagem, e nos leva a uma etimologia diferente do termo música, como a mesma autora nos mostra:

A palavra Música provém de uma outra: *Musa*. As musas eram nove Deusas, filhas de Zeus e Mnemosine, dominavam a ciência universal e presidiam as artes liberais. São elas: *Euterpe*, Deusa da Música; *Clio*, Deusa da História; *Talia*, Deusa da Comédia; *Melpômene*, Deusa da Tragédia; *Terpsícore*, Deusa da Dança; *Erato*, Deusa da Elegia; *Polínia*, Deusa da Poesia Lírica, *Urânia*, Deusa da Astronomia, e *Calíope*, Deusa da Eloquência. (p.28)

Até hoje as musas vivem, em uma condição quase divina, no imaginário humano, permeando as artes, ciências, pensamentos e sentimentos, assim como as maneiras de perceber o mundo.

Compreende-se por que a palavra *música* é herdeira mais direta das filhas de Zeus (pai dos deuses) e de Mnemosine (que originou o a palavra *memória*): “Dentro das artes, a música ocupa um lugar especial e predileto, por ser ela a própria vibração do silêncio. A música é a magia e o milagre da vida.” (Idem, Ibidem, p.50). A música nos faz mais vivos, provoca corpo, alma e mente. É um fenômeno universal que a educação precisa redescobrir. Afinal, como música e educação podem dialogar?

Segundo Hentschke (2003):

A educação musical escolar não visa à formação do músico profissional. Objetiva, entre outras coisas, auxiliar crianças, adolescentes e jovens no processo de apropriação, transmissão e criação de práticas músico-culturais como parte da construção de sua cidadania. O objeto primeiro da educação musical é facilitar o acesso à multiplicidade de manifestações musicais da nossa cultura, bem como possibilitar a compreensão de manifestações musicais de culturas mais distantes. (p.181)

A música na escola deve se preocupar com a democratização da cultura e do seu papel de integradora de capacidades humanas. E com o desenvolvimento musical e sensível do educando e também do educador. “Ser professor é acompanhar destinos e é ser acompanhado no nosso próprio. Parece-me que a nossa vida é uma teia tecida com fios invisíveis e plasmada ao som misterioso do encontro humano.” (PASCUCCI, 2005, p.15). No processo educativo envoltos pela música do mundo educador e educando seguem caminhos paralelos que se encontram na complementaridade dialógica.

2.2 A linguagem corporal: brincar no baile da vida ou se deixar parar pelo comodismo?

O corpo, aqui compreendido como unidade humana, é fonte de comunicação. Como afirma Neuza Deconto (2002, p.21): “O corpo é ‘texto’, é pretexto, é contexto de nossa relação conosco, com-o-mundo e no-mundo.” É uma maneira de autoconhecimento e percepção da realidade; o que no leva a idéia de Silvo Gallo (1999) citado por Deconto (2002):

O corpo não é coisa e nem é separado de nosso eu, não é uma coisa que temos, mas aquilo que somos. [...] O corpo humano é o corpo que sente, percebe, fala, chama a atenção para o corpo que somos e vivemos. O corpo é presença concreta no mundo, porque veicula gestos, expressões e comportamentos das ações individuais e coletivas de um grupo, comunidade ou sociedade (p.26; 28).

O corpo representa a unidade humana que, nas suas mais diversas dimensões, experiencia o mundo e a si mesma, compondo a história e a própria vida. E, para melhor compreender o corpo, associemos o corpo à corporeidade entendida como: “ múltiplas relações (internas e externas) que mantemos, veiculadas no corpo e através do corpo, que nos proporciona um estágio de conhecimento pessoal, interpessoal e ambiental, constituindo o microcosmo.” (DECONTO, 2001, p. 25). Assim, a totalidade do corpo é salvaguardada.

Nessa perspectiva, o corpo é uma fonte potencial de expressão comunicativa; a primeira base dessa comunicação é a não-verbal, que nos acompanha desde os primórdios da história da humanidade.

“No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus” – São João 1:1-2. O evangelho diz que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus... No ser humano encontramos a representação exata do universo. Todas as coisas que estão no cosmo também estão presentes em cada célula do nosso corpo. As descobertas trazidas pela Física Quântica, em se tratando de ciência ou os ritos e crenças dos povos antigos, como os índios, vêm demonstrando cada vez mais, ser essa uma verdade. (Idem, *Ibidem*, p.26)

Como representação do universo, o corpo traz seus mistérios, suas dúvidas, marcas das culturas e da história. Um complexo de possibilidades e capacidades para melhor perceber e agir sobre e com o mundo.

Através do movimento o corpo ganha voz, e por ela dança, brinca, expressa a energia vital do universo. É como nos diz a canção *Roda Viva*, de Chico Buarque:

Roda mundo, roda gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

(*Quarenta anos contra a corrente*, 2005)

Ou como na canção *Velha Infância* dos Tribalistas:

[...]e a gente canta
E a gente dança
E a gente não se cansa

De ser criança
A gente brinca
Na nossa velha infância

(*Tribalistas*, 2002)

Segundo Deconto (2002, p.22):“É através da comunicação não-verbal – que é ampla e diversificada na forma do gesto, do olhar, do movimento e da postura, que se revela um outro alfabeto para os nossos alunos.” É a aprendizagem de uma nova linguagem, que revela quem somos.

Ter-ser um corpo é conhecê-lo, senti-lo. É viver a sua totalidade física, biológica, afetiva, cognitiva, sensível e expressiva. Assumindo a autoria do que somos conosco e com o outro. Tecendo a história e sendo tecidos por ela. É dessa trama que nascem os gestos possibilitando a comunicação e a expressão humana. Esse fenômeno se dá tanto na escola como fora dela. (Idem, 2003, p.21)

É nessa perspectiva de incorporação do corpo na educação que a dança se torna necessária na escola por instigar atitudes criadoras perante a vida, e transformar a escola num lugar mais prazeroso para se aprender. Na educação o corpo não deve só ser considerado quando tratarmos da prática da educação física, mas na integralidade do processo educativo

Na cultura de todos os povos aparece a dança como forma primeira de expressão coletiva. Muito antes da palavra o homem já se comunicava utilizando os movimentos de seu corpo... Em parte como forma de dança, como forma de comunicação, o movimento é importante na dinâmica ensino/aprendizagem para que as crianças desenvolvam segurança, autonomia, consciência de seus ossos e dos músculos, de sua circulação sanguínea, do significado de sua respiração... A necessidade pessoal, de estar no mundo, tocar objetos, pessoas faz com que a criança se movimente. Assim ela vai construindo conhecimentos, percepções, linguagem. (Idem, 2002, p.31)

A dança, assim percebida, torna-se indispensável para a educação, porém não é só para desenvolver o educando mas também o educador que precisa redescobrir seu próprio corpo e se permitir novas experiências para encontrar os caminhos de uma educação integral. Como nos diz a letra de música do cancionista popular:

Ciranda, cirandinha

Vamos todos cirandar

Vamos dar a meia volta, volta e meia

Vamos dar

O anel que tu me deste

Era vidro e se quebrou

O amor que por mim tu tinhas

Era pouco e se acabou

(Cantigas de Roda Carequinha, 2002)

A educação deve cirandar para que o amor do anel de vidro possa ser reconquistado na volta e meia do ensino-aprendizagem, ao som dos ventos do conhecimento.

2.3 A linguagem imagética: um mundo no papel, ou um papel do mundo?

A imagem entendida como representação simbólica da leitura da realidade, nos leva aos desenhos rupestres que revelam uma parte da nossa história enquanto humanidade; e que evoluíram paralelamente ao nosso desenvolvimento histórico-cultural.

Segundo Deconto (2002):

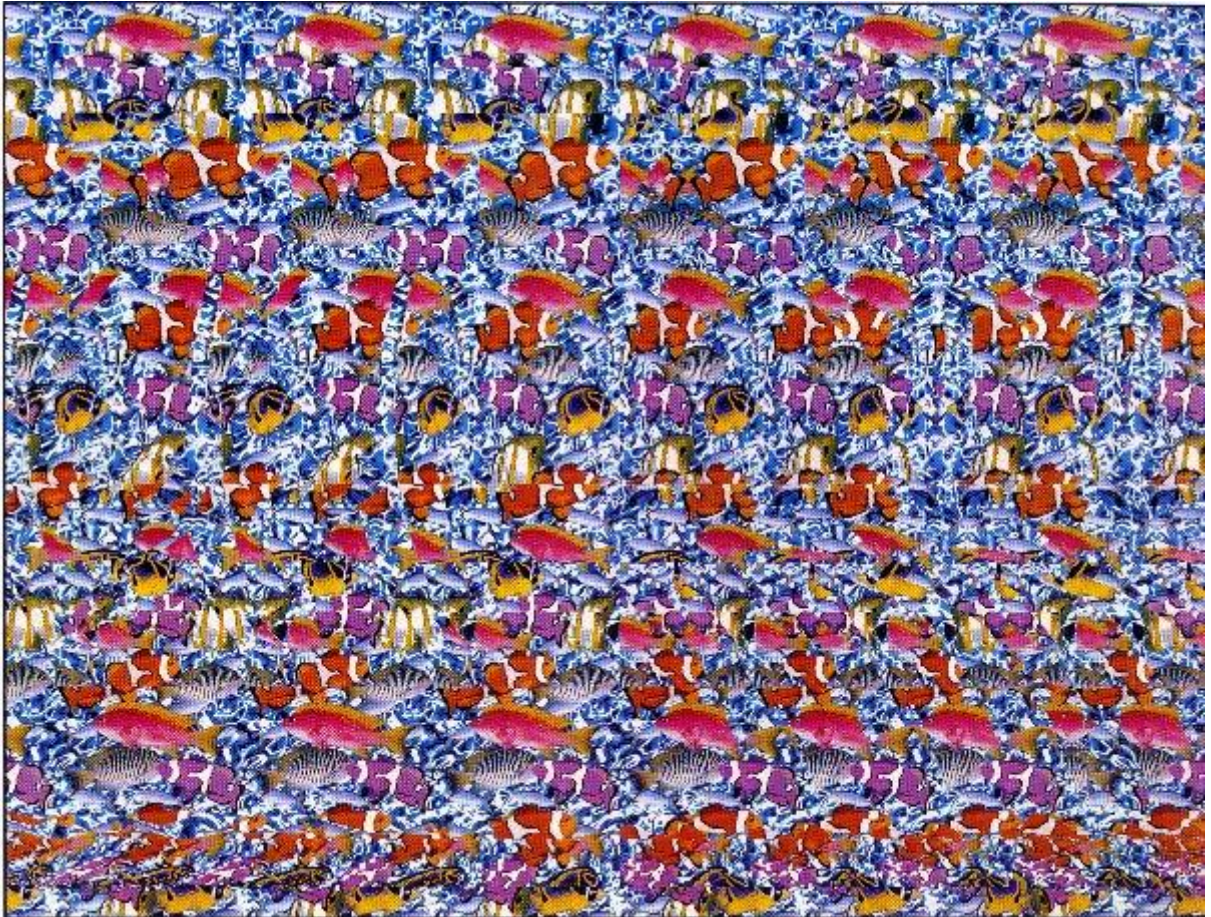
O nosso olhar é histórico, uma vez que somos seres de memória e não “uma folha em branco”, e nem tão pouco massas inermes, sobre as quais uma determinada educação pretende “escrever” ou “dar forma” aos nossos modos de olhar e ver. Aprender a ver requer conhecimento e capacidade crítica aguçada para fazer efetivamente o olho pensar. (p.89)

Assim, a imagem na educação recebe uma perspectiva de transformação social, não é mais o desenho só para “acalmar” os alunos, é um desenho que mostra a realidade dos educandos e que, ao se refletir sobre eles, fornece pistas para se agir na construção de novas percepções do processo educativo e de sua transformação.

O audiovisual que tem sua máxima no cinema e na televisão amplia as possibilidades de representação do imaginário e do real humano, que (re) cria o mundo e a história. Como afirma Deconto:

As imagens – sonoras, visuais e cênicas – desvelam nossa singularidade ao captar, poeticamente, a realidade. Ao entrelaçarmos imaginação, percepção, bagagem histórica e cultural lemos o mundo e o representamos, produzindo sentidos outros que não aqueles dados e determinados. Nesse instante, transfiguramos e (re) criamos a realidade em que vivemos. (Ibidem, p.103-104).

O mundo das imagens abre portas para uma nova realidade na qual a globalização leva a educação a repensar seus caminhos e descaminhos, buscando uma nova ótica para compreender as novas possibilidades de representação do processo de ensino-aprendizagem.



(Ilusões 3D – golfinho – Olho Mágico: Uma nova maneira de ver o mundo)

Essa imagem bela tanto ao primeiro olhar despercebido quanto nos posteriores, nos leva a prestar mais atenção em si e nos revela uma nova imagem. É um brincar com a imagem que abre portas para a imaginação e me faz pensar: Será que as imagens mais “simples” também não escondem outras imagens, outras ideias? Será que não podemos aprender a ver o mundo de outra maneira?

A escola necessita de novos olhares sobre a educação para encontrar novos e talvez antigos significados, sentidos e valores de sua missão como instituição humana.

2.4 A linguagem escrita: a descoberta de velhos e novos mundos ou palavras ao vento...

Convite

*Vem comigo para dentro
da palavra multidão;
de mãos dadas somos vento,
somos chuva de trovão.*

*Se uma andorinha sozinha
não pode fazer verão,
vem comigo mais ainda
para dentro da expressão.*

*Cada letra tem seu ninho
de palavras no porão:
vem tirá-las de seu limbo,
vem fazer tua oração.*

*Dentro de cada palavra,
no seu timbre e elocução,
saberás de peixe, cabra,
de liberdade e quinhão.*

*E até na palavra nova
como **ilhaval** e **zirlão**
alguma coisa dobra,
tem sentido a sedução.*

*Pega portanto uma letra
pega a palavra invenção
e transforma em borboleta
um risco arisco no chão.*

*É no centro da linguagem,
no seu silêncio e pressão,
que se dedilha uma casa,
que se desenha a canção.*

(Gilberto Mendonça Tele, citado por Cereja, 2008)

A palavra, o meio mais difundido de comunicação, esconde em si um universo de possibilidades, sonhos e caminhos. Desde a pré-história até a atualidade se mostra como fala,

imagem, escrita, leitura. Uma unidade complexa de estrutura do pensamento, que se tornou linguagem mestre da escola na forma da escrita e da leitura.

Segundo Garcez (2002):

A leitura é um processo complexo e abrangente de decodificação de signos e de compreensão e intelecção do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção. Exige capacidade simbólica e habilidade de interação mediada pela palavra. [...] A escrita, por sua vez, não pode ser considerada desvinculada da leitura. [...] Pela leitura vamos construindo uma intimidade muito grande com a língua escrita, vamos internalizando as suas estruturas e as suas infinitas possibilidades estilísticas. (p.82-83).

Nessa indissociabilidade da escrita e da leitura reconhecemos o poder desta linguagem, que é o principal meio de comunicação da expressividade sociocultural da atualidade. Para Vigotski, 1996, p. 132, a palavra é “[...] um micro-cosmo da consciência humana” . Com seus significado e sentidos, ela nos é apresentada na sua estreita conexão com o pensamento: “O pensamento não é simplesmente expresso em palavras: é por meio delas que ele passa a existir” (Idem, Ibidem, p. 108).

E é pelo processo de alfabetização e letramento, na perspectiva de se *alfabetizar letrando*, (Carvalho, 2005) que nos constituímos seres letrados para participar ativamente da vida em suas mais diversas dimensões. É pela dinamicidade entre a leitura do mundo e a leitura da palavra que se desenvolve a *palavramundo*, como nos mostra Freire (2003):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.(p.11) [...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (p.20).

Assim, o conhecimento e a realidade andam juntos, mostrando-nos o poder da palavra que vive em nós e na sociedade.

Mas na escola a palavra adocece, como nos diz Rodrigues (2003):

"Toda palavra eu corto, recorto, parto, brinco com ela" (Queirós, apud Lima, 1998:124). A plenitude desta declaração vai se fragilizando à medida em que avança na escolaridade, e poucas são as crianças e jovens que, ao se tornarem adultas, preservam a sensação expressa pelo escritor. No contexto escolar, até mesmo a linguagem literária deixa de ser arte e o clima poético, com a emoção, a liberdade e a subjetividade que lhe são peculiares, perdem espaço. [...] Se atentarmos para o percurso da escrita desde a escolarização inicial até ao ensino universitário, poderemos

vislumbrar um processo que alguns educadores mais críticos, mas também grandes escritores brasileiros com preocupações pedagógicas, tão claramente detectaram: a progressiva contenção e destruição do ser literário-poético que habita no aluno. (p.44)

Isso nos mostra que, quando a escola tenta fazer da arte algo transformador, ela lhe rouba sua magia e liberdade, aprisionando o conhecimento ao formalismo do paradigma cartesiano.

A brincadeira com as palavras torna-se trabalho (tripalium) e perde-se a criação (o ludus). O jogo com as idéias passa a ser guiado por regras estritas de perguntas/respostas que devem caber nas laudas do papel, mas que não têm mais lugar nos espaços internos do sujeito. A liberdade de escolher o que ler e escrever cede lugar à construção do leitor "sério", súdito do texto, e não mais seu parceiro curioso. A palavra escrita começa a pesar. Passa a ser catalogada, avaliada, enjaulada. A *palavramundo* silencia. O poético vira curso de literatura. A palavra não pode mais se recolher na emoção, nem dela brotar. Finalmente, a serpente da escrita deixa de encantar. (Idem, Ibidem, p.45)

A educação se esquece das diversas dimensões humanas, a complexidade de suas relações, a magia de sua natureza e mundo. É preciso redescobrir que:

*Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fechas o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada
par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...*

(Mario Quintana, *Esconderijos do Tempo*).

Esse alimento em nós, desprezado pela escola precisa ser (re) encontrado no âmago do processo de ensino-aprendizagem, tornando possível a complementaridade dialógica não só dentro dessa linguagem, mas também com as outras linguagens.

2.5 Possibilidades e limites do diálogo entre linguagens no contexto educativo: encontros ou despedidas?

“Só aprendemos nos divertindo. A arte de ensinar não é outra senão a arte de despertar a curiosidade das almas jovens para depois satisfazê-la: e a curiosidade é viva apenas nas almas felizes. O conhecimento que se faz entrar na mente pela força sufoca-a. Para digerir o saber é necessário que ele seja devorado com apetite.”

(Anatole France, escritor francês, citado por Cereja, 2008)

Para ativar essa curiosidade as linguagens expressivas oferecem mil e uma possibilidades e oportunidades. Elas refletem quem somos e o que nos faz ser o que somos, expressam nossa cultura, visão de mundo, de ser humano, de vida. E também nossa trajetória pelo caminho da humanidade.

Segundo Deconto (2002):

É a dimensão estética do ser humano que permite alargar e aprofundar suas possibilidades criativas e suas peculiaridades. Nessa perspectiva, parece-nos ser o seu ofício de professor (a) inventar uma poética pedagógica compreendida e desenvolvida, a partir da história pessoal, social e cultural dos (as) educadores (as), tendo nas linguagens artísticas fonte inesgotável de epistemologias e ontologias para engendrar o sentir-pensar-fazer, alargando o conceito de educação e mesclando-o com o pulsante movimento do viver. (Idem, Ibidem, p.45).

Assim, na educação, a relação que o professor desenvolve com as linguagens e por meio das é o que pode transformar o processo educativo dominado pelo racionalismo num processo dialógico e mais integral. E é através da (re) descoberta desta dimensão e também de outras que o processo educativo se enriquece de sentidos e significados.

O processo educativo pode assumir a perspectiva lúdica:

O jogo aprender/ensinar implica uma polifonia de desejos, vontades, habilidades, sentimentos, conceitos, conhecimentos, estratégias, posturas e atitudes para darmos conta de tecer possíveis metamorfoses nos sujeitos envolvidos nesse jogo. Implica, ainda, pensarmos sobre as coisas como intérpretes do mundo escavando seu sentido, ao mesmo tempo em que construímos as bases das capacidades significativas, comunicativas e expressivas de sujeito e suas efetivas cidadanias. (Idem, Ibidem, p.52-53)

Nessa perspectiva a educação volta a ser um processo prazeroso no qual se aprende e se ensina sem obrigação, mas com a naturalidade do cotidiano de uma aldeia global, onde todos aprendem com todos (Brandão, 2006, p.18). Esse é o poder das linguagens expressivas e artísticas:

A arte em suas múltiplas linguagens: a literatura, o teatro, a música, a pintura, a dança, o desenho, instiga a produção de sentidos, a multiplicação de possibilidades expressivas e comunicativas da criança. É o espaço de fruição, do imprevisível e do inusitado que se cria junto com a criança, quando ousamos brincar, criar, desejar, errar, repetir, inventar, mesmo sendo adultos. (Deconto, 2002, p.54)

Assim, a educação assume uma dimensão lúdica, resgatando o *homo ludens*, que joga, brinca, se permite novas experiências e como a criança está aberto para o mundo, sem preconceitos e nem couraças.

Brincar é “pensar” com o corpo inteiro, assim como dançar, pintar, desenhar, fazer teatro, cantar, dar cambalhotas, pular amarelinha, escalar uma montanha... Outros jeitos de fazer do conhecimento uma relação e, talvez, restaurar maneiras de nos tornarmos protagonistas de nossos destinos, sujeitos de nossa história, “brincantes” tecendo peculiaridades poéticas de existir. (Idem, Ibidem, p.43).

E nesse brincar encontramos os caminhos para a integralidade da educação e também da vida, uma nova maneira de perceber o real, (re)construindo o aprender a ser e a totalidade humana, formando o ser planetário, eco-biopsicossocial, o humano para o novo milênio.

Assim como nos diz Hortélio: “O brinquedo, o brincar, é a configuração das necessidades de crescimento do ser humano em sua inteireza”. (2009, p.23); o que nos leva a refletir sobre o lúdico numa amplitude maior que percorre as várias instituições humanas, onde acontece a educação e a vida.

O brincar pode libertar a educação da segmentação do conhecimento, pois como Hortélio nos lembra: “Brincar é o maior exercício de liberdade que o ser humano pode fazer” (Ibidem, p. 23). Isto quer dizer que o lúdico faz parte da essência humana e que o humano é livre para experimentar o mundo. Isso nos faz refletir sobre a situação da escola nos dias de hoje e nos faz compreender a crítica de Gabriel, O Pensador, em sua música “Estudo Errado” sobre a educação tradicional.

Estudo Errado

Composição: Gabriel, O Pensador

Eu tô aqui Pra quê?

Será que é pra aprender?

Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?

Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater

Sem recreio de saco cheio porque eu não fiz o dever

A professora já tá de marcação porque sempre me pega

Disfarçando, espiando, colando toda prova dos colegas

E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo

E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo

Eu quero jogar botão, vídeo-game, bola de gude

Mas meus pais só querem que eu "vá pra aula!" e "estude!"

Então dessa vez eu vou estudar até decorar cumpádi

Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde

Ou quem sabe aumentar minha mesada

Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?)

Não. De mulher pelada

A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada

E a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)

A rua é perigosa então eu vejo televisão

(Tá lá mais um corpo estendido no chão)

Na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação

- Ué não te ensinaram?

- Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil

Em vão, pouco interessantes, eu fico pu..

Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio

(Vai pro colégio!!)

Então eu fui relendo tudo até a prova começar

Voltei louco pra contar:

Manhê! Tirei um dez na prova

Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova

Decorei toda lição

Não errei nenhuma questão

Não aprendi nada de bom

Mas tirei dez (boa filhão!)

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci

Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci

Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi

Decoreba: esse é o método de ensino

Eles me tratam como ameoba e assim eu não raciocino

Não aprendo as causas e conseqüências só decoro os fatos

Desse jeito até história fica chato

Mas os velhos me disseram que o "porque" é o segredo

Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo

Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente

Eu sei que ainda não sou gente grande, mas eu já sou gente

E sei que o estudo é uma coisa boa

O problema é que sem motivação a gente enjoa

O sistema bota um monte de abobrinha no programa

Mas pra aprender a ser um ingonorante (...)

Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu dormir)

Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre

Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste

- *O que é corrupção? Pra que serve um deputado?
 Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!
 Ou que a minhoca é hermafrodita
 Ou sobre a tênia solitária.
 Não me faça decorar as capitânicas hereditárias!! (...)
 Vamos fugir dessa jaula!
 "Hoje eu tô feliz" (matou o presidente?)
 Não. A aula
 Matei a aula porque num dava
 Eu não agüentava mais
 E fui escutar o Pensador escondido dos meus pais
 Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam
 (Esse num é o valor que um aluno merecia!)
 Ííth... Sujô (Hein?)
 O inspetor!
 (Acabou a farra, já pra sala do coordenador!)
 Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar
 E me disseram que a escola era meu segundo lar
 E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente
 Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!
 Então eu vou passar de ano
 Não tenho outra saída
 Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida
 Discutindo e ensinando os problemas atuais
 E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
 Com matérias das quais eles não lembram mais nada
 E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada
 Refrão
 Encarem as crianças com mais seriedade
 Pois na escola é onde formamos nossa personalidade
 Vocês tratam a educação como um negócio onde a ganância, a exploração, e a indiferença são sócios
 Quem devia lucrar só é prejudicado
 Assim vocês vão criar uma geração de revoltados
 Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio
 Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio...
 Juquinha você tá falando demais assim eu vou ter que lhe deixar sem recreio!
 Mas é só a verdade professora!
 Eu sei, mas colabora se não eu perco o meu emprego.*

A educação não prepara pra vida, mas também não enxerga a vida que inflama nos educandos e nos próprios educadores: “A educação permanece com o conceito de ‘preparar para a vida’, esquecendo de que as crianças já estão na vida. As escolas precisam urgentemente ouvir a vida que pulsa em cada criança.”(PEREIRA, 2009, p.13).

Enfim, a educação precisa se reencontrar com a vida, com o diálogo educador-educando e destes consigo mesmos para perceber quais os melhores caminhos para se transformar a realidade e os rumos da história de nossa humanidade.



(imagem tirada do site: <http://transnet.ning.com/forum/topics/educacao-ambiental-e-a-onda>)

Essa imagem pode ser símbolo do novo paradigma social e científico.

É uma roda viva que faz do ser humano mais humano, tornando a pessoa em ser social, é o arco-íris de possibilidades e energia que fluem pelo cosmos e pela história da vida.

A vida num matiz variado de energias e sonhos, ondas cósmicas de sentimentos e pensamentos. A magia de ser no-mundo e com-o-mundo.

CAPÍTULO 3

3 – OS CAMINHOS DA PRÁTICA PARA A REFLEXÃO

O trabalho realizado é uma pesquisa qualitativa caracterizada por descrever subjetivamente o objeto de estudo, levando em consideração os significados construídos socialmente.

Pode ser compreendida como pesquisa reflexiva realizada no contexto de formação uma educadora. Segundo Nóvoa (citado por Marques, 2010), *a formação não se constrói por acumulação, mas sim de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal*. Mostra a importância da práxis na construção do professor reflexivo-pesquisador.

Utiliza-se da análise documental, compreendendo documento aqui como os DVDs gravados da prática docente dos projetos 4 do currículo do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, e desenhos produzidos pelos alunos pesquisados num dos momentos de docência.

A pesquisa foi realizada entre maio/junho e outubro/novembro de 2009.

3.1 Caracterização do Ambiente de Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Classe 52, localizada na Ceilândia, região periférica do Distrito Federal, onde realizei as duas fases do Projeto 4 (correspondem aos estágios obrigatórios das licenciaturas), no qual realizei ao todo 60h de prática docente, 180h de observação e 60h de orientação com o professor responsável da turma de Projeto 4. E foi escolhida por ser localizar perto da minha casa e por já ter estudado nela.

Na primeira fase do projeto 4 a escola se organizava da seguinte maneira:

Possuía 20 salas de aula, 1 sala de professores, 1 sala de assistência pedagógica, 1 sala de leitura, 1 depósito, 1 sala de direção, 1 secretaria, 1 copa, 1 cantina, 6 banheiros (sendo 1

adaptado para cadeirante), 1 parque infantil, 1 pátio coberto, 1 quadra de esportes, 1 horta e 1 estacionamento. Possuía 40 turmas (20 matutino e 20 vespertino), atendendo em média 1200 alunos, desde educação infantil (turma de 5 anos) e o primeiro ciclo da educação fundamental (1º ao 5º ano).

Por causa da inauguração de uma nova escola pública na região, a escola passou por uma reestruturação organizacional e na segunda fase do projeto 4 se caracterizar por:

Com 16 salas de aula, 1 brinquedoteca, 1 sala de vídeo, 1 sala depósito, 1 sala para atividades (reforço, etc.), 1 sala de professor, 1 sala de assistência pedagógica, 1 sala de leitura, 1 depósito, 1 sala de direção, 1 secretaria, 1 copa, 1 cantina, 6 banheiros (sendo 1 adaptado para cadeirante), 1 parque infantil, 1 pátio coberto, 1 quadra de esportes, 1 horta e 1 estacionamento. Possuindo 32 turmas (16 matutino e 16 vespertino), atendendo em média 900 alunos, desde educação infantil (turma de 5 anos) e o primeiro ciclo da educação fundamental (1º ao 5º ano).

Segundo o projeto político-pedagógico da escola sua missão é: *Proporcionar aos educandos um ensino de qualidade colaborando para o desenvolvimento global de cada um, oferecendo-lhes a formação indispensável para construir o seu próprio conhecimento e possam atuar na sociedade como cidadãos críticos, criativos e participativos.* O referido projeto adota uma perspectiva sócio-interacionista.

3.2 Sujeitos da Pesquisa

Nas duas fases a turma foi a mesma, mas com a mudança organizacional a estrutura da turma também mudou.

Na primeira fase a turma do 1º ano do Ensino Fundamental escolhida se configurava da seguinte forma:

29 alunos (14 meninos e 15 meninas) a faixa etária da turma era de 6 pra 7 anos. Havia poucos repetentes, o principal motivo dessa repetência eram as faltas. A maioria tinha vindo da turma de 5 anos, poucos eram os que estavam na escola pela 1ª vez. Parecia que grande parte da turma vinha da classe sócio-econômica desfavorecida, muitos pais eram catadores de lixo, donas de casa e pequenos comerciantes e semi-analfabetos.

Na segunda fase a turma passou a possuir a estrutura abaixo descrita:

26 alunos (16 meninos e 10 meninas), permanecendo as mesmas condições da fase anterior.

3.3 Instrumentos de Pesquisa

Os instrumentos de pesquisa são os DVDs produzidos para registrar minha prática docente das duas fases de Projeto 4, com foco nas atividades realizadas na perspectiva de que tivesse elementos para refletir acerca da minha ação pedagógica, na ótica de formação do professor reflexivo em relação à sua própria prática .

Planejamento dos momentos no âmbito do Projeto 4:

Momento 1 (episódio 1)

Tema:

Os sons e o corpo

Competências:

- Desenvolver habilidades motoras e auditivas.

Habilidades:

- Conhecer o corpo
- Experimentar movimentos
- Ouvir diversos sons

Recursos:

Um aparelho de som
 CDs de músicas
 Quadro branco e pincel
 Atividade de folha

Momento 1 (Episódio 2)

Tema:

A música (Cantigas de Roda) e o corpo

Competências:

- Desenvolver habilidades motoras e auditivas

Habilidades:

- Conhecer o corpo
- Ouvir diversos sons e ritmos musicais

Recursos:

Um aparelho de som
 CD do Carequinha - Cantigas de Roda e Cantigas de Roda nº 2.
 Papel

Momento 2

Tema:

Leitura, Escrita, Arte e Movimento.

Competências:

- Ler, escrever e produzir, com autonomia, em diferentes linguagens – verbais, matemáticas, artísticas, gráficas, corporais – para interagir com o outro, expressando-se, interpretando, considerando a intencionalidade e usufruindo diversas situações de comunicação.

- Conhecer e valorizar a diversidade natural e sociocultural brasileira, posicionando-se a respeito, diante de seus diferentes aspectos, como meio para construir, progressivamente, a noção de identidade nacional.
- Compreender gradativamente o processo de leitura e escrita.
- Perceber atitudes e comportamentos favoráveis à preservação da saúde.

Habilidades:

- Ler para usufruir momentos de lazer e estabelecer relação entre realidade e fantasia
- Desenvolver a sensibilidade artística
- Exercitar a imaginação criadora.
- Conhecer hábitos alimentares adequados como fator essencial para o crescimento e o desenvolvimento, assim com para a prevenção de doenças.
- Interpretar e produzir escritas numéricas.

Recursos Materiais:

- Som
- CD
- Folha de Atividade
- Folha branca
- Tesoura
- Cola
- Lápis de cor
- Lápis

Momento 3

Tema:

Sentidos, Arte e Movimento.

Competências:

- Compreender as relações de convivência para interagir, positivamente, em diferentes grupos, valendo-se do respeito, da cooperação e da solidariedade, repudiando a discriminação e a injustiça, elegendo o diálogo como meio de resolver conflitos.

- Ler, escrever e produzir, com autonomia, em diferentes linguagens – verbais, matemáticas, artísticas, gráficas, artísticas, corporais – para interagir com o outro, expressando-se, interpretando, considerando a intencionalidade e usufruindo diversas situações de comunicação.

- Conhecer e valorizar a diversidade natural e sociocultural brasileira, posicionando-se a respeito, diante de seus diferentes aspectos, como meio para construir, progressivamente, a noção de identidade nacional.

- Desenvolver habilidades sensoriais.

Habilidades:

- Reconhecer-se como parte integrante do ambiente.
- Desenvolver a sensibilidade artística

- Exercitar a imaginação criadora.
- Conhecer o corpo
- Experimentar novas sensações

Recursos Materiais:

- Som
- CD
- Temperos
- Texturas
- Perfumes
- Fita
- Brinquedos de diversas formas e sonoros.
- Folha branca
- Folha colorida
- Lápis
- Lápis de cor

Momento 4**Tema:**

Leitura, Arte e Movimento.

Competências:

- Ler, escrever e produzir, com autonomia, em diferentes linguagens – verbais, matemáticas, artísticas, gráficas, artísticas, corporais – para interagir com o outro, expressando-se, interpretando, considerando a intencionalidade e usufruindo diversas situações de comunicação.
- Conhecer e valorizar a diversidade natural e sociocultural brasileira, posicionando-se a respeito, diante de seus diferentes aspectos, como meio para construir, progressivamente, a noção de identidade nacional.
- Compreender gradativamente o processo de leitura e escrita.
- Compreender as relações de convivência para interagir, positivamente, em diferentes grupos, valendo-se do respeito, da cooperação e da solidariedade, repudiando a discriminação e a injustiça, elegendo o diálogo como meio de resolver conflitos.

Habilidades:

- Ler para usufruir momentos de lazer e estabelecer relação entre realidade e fantasia
- Desenvolver a sensibilidade artística
- Exercitar a imaginação criadora.
- Conhecer o corpo
- Experimentar novas sensações

Recursos Materiais:

- Som
- CD

O planejamento apresentado sofreu alterações no decurso do processo vivenciado com as crianças, o que será relatado e analisado no próximo capítulo.

CAPITULO 4

4 – A CAMINHO DE UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL: REVISITANDO UM PROCESSO EDUCATIVO

*Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir
Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua história,
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
De ser feliz*

(Almir Sater, 1992)

A realização do processo educativo que este trabalho visa analisar ocorreu nas duas fases do Projeto 4 - Projetos Individualizados de Prática Docente, que são os estágios obrigatórios do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Selecionamos alguns “episódios” da Prática Docente que nos merecem uma atenção especial em função da sua intencionalidade educativa e os relemos a luz das referências teóricas desenvolvidas ao longo desta monografia, que nos possibilitam realizar um diálogo entre teoria e prática, na perspectiva de formação do professor investigador e reflexivo em relação ao seu trabalho educativo. O primeiro momento a ser analisado foi realizado na primeira fase do projeto 4, no primeiro semestre de 2009.

4.1 . CORPOREIDADE E MUSICALIDADE: UM ENCONTRO CÓSMICO?

4.1.1 Objetivos

Os nossos principais objetivos neste primeiro momento, agora explicitados mais claramente, foram:

- Promover a criatividade.
- Estimular o conhecimento do corpo.
- Experimentar a diversidade de movimentos corporais.
- Desenvolver a acuidade auditiva.
- Resgatar a cultura popular das cantigas de roda.
- Simbolizar sensações de uma linguagem utilizando outra linguagem.

4.1.2. – Desenvolvimento do trabalho pedagógico

O trabalho foi desenvolvido em algumas etapas:

De início havia planejado trabalhar dentro da sala de aula, mas as circunstâncias mudaram os planos, a sala precisava ser lavada, então fomos para o pátio da escola. Como era o início da minha prática docente busquei quebrar a tensão convidando os alunos a formarem um círculo para que nos despreguássemos fazendo um alongamento do corpo todo.

Para introduzir a temática que seria trabalhada com eles, dançamos a música ‘O Corpo’ da Bia Bedran. Este começo foi tímido da parte deles, pois não era uma atividade comum no cotidiano escolar, que até então sempre ocorria entre quatro paredes e com o corpo contido em uma cadeira. Eles estavam acanhados e até um pouco envergonhados, como a expressão corporal deles mostrava, seus movimentos eram retraídos, as mãos nos bolsos, o olhar desconfiado se ninguém estava observando, a busca pelo apoio do grupo para realizar a atividade.

Depois de despertá-los, como planejado, sentamos no chão, em círculo, e percebendo que estavam bastante agitados, pedi que fechassem os olhos e contassem até 10, para que pudessem acalmar o corpo e as emoções, desacelerando o ritmo para que pudessem se abrir à experiência que queria que vivenciassem. Já mais calmos, pedi que ainda de olhos fechados buscassem ouvir os sons do ambiente, e os mais variados possíveis. Pretendia que mergulhassem nos sons e nos silêncios do cotidiano que muitas vezes passam despercebidos por nós. Quando abriram os olhos compartilhamos os sons ouvidos (o canto dos pássaros, passos de pessoas, sirene de ambulância, som de um avião, som de um pedreiro numa obra) e foi fiquei surpresa ao sentir que o ato de ouvir tinha causado tanto estranheza.

A partir dos sons compartilhados construímos uma história. Eu pretendia com isso instigar a criatividade dos alunos. Cada aluno foi dando uma idéia para a construção da história, que não foi escrita. Mas que consegui reconstruir em parte a história que ficou assim:

O homem que tava no prédio caiu BUM

A ambulância que salvou ele vez UENUENUEN

E ele voltou são e salvo pra casa

E ele foi andar de avião VUM

E o avião caiu POOOAAA

E ele morreu

Foram no velório dele TAMTAM TANTAN NAN NAN

E os passarinhos voaram e pegaram as flores que estavam no túmulo

E comeram as flores.

Depois apreciamos diversas músicas instrumentais, com intenção de ampliar a cultura musical dos educandos. Eles sentaram no chão, alguns deitaram, outros se recostaram num colega, mas parar para ouvir é difícil, alguns conversavam, outros procuravam algo no chão, mas alguns perceberam os instrumentos e os tocavam usando a imaginação e alguns conseguiram se deixar levar pela música. Porém ao ouvirem a música *El Condor Pasa* de Daniel Alomía Robles, eles entraram no ritmo e passaram a bater palmas, e depois alguns fingiam tocar os instrumentos enquanto os outros continuavam a bater palmas, isso me surpreendeu e para encorajá-los também passei a bater palmas e eles acompanharam o ritmo até o fim da música. Na outra metade deste momento, já dentro da sala de aula, apreciamos o CD do Carequinha, de Cantigas de Roda, com objetivo de valorizar a cultura popular, deixei que apreciassem de

forma livre, alguns permaneceram sentados e outros se levantaram para ‘dançar’, depois todos ficaram sentados em suas cadeiras ouvindo as músicas, e pedi que desenhassem o que eles sentiam sobre a (s) música (s) que mais gostaram. E no fim eles me deram os desenhos e explicaram o que significava.

4.1.3 – Reflexão acerca da prática educativa

Iniciar o momento com um alongamento corporal foi uma idéia que trouxe da prática em canto coral, o alongamento relaxa o corpo e suas energias fluem com mais facilidade.

Sendo o corpo representação da unidade humana, aliviar suas tensões é uma maneira de aperfeiçoar suas potencialidades e equilibrar suas dimensões. O alongamento e o relaxamento trazem consigo uma consciência corporal que em nível de auto-conhecimento colabora para a emancipação do individuo como autor de seu texto corporal.

Reafirmando o que nos diz Deconto (2003):

Ter-ser um corpo é conhecê-lo, senti-lo. É viver a sua totalidade física, biológica, afetiva, cognitiva, sensível e expressiva. Assumindo a autoria do que somos conosco e com o outro. Tecendo a história e sendo tecidos por ela. É dessa trama que nascem os gestos possibilitando a comunicação e a expressão humana. (p.21).

Quando transformamos a rigidez da carteira de sala de aula no qual o corpo é receptor / guardador de conhecimento, os educandos demonstram receio de sair da rotina do cotidiano escolar.

As mãos nos bolsos, os braços cruzados, os movimentos tolhidos representam bem esse receio inicial de mudança de padrões.

Mas ao entrar em diálogo com a musicalização, a corporeidade alcança novas dimensões. O ritmo compõe redes invisíveis entre o cosmos, à realidade e a aprendizagem.

Fazer com que parassem para ouvir o ambiente foi uma tentativa em desenvolver uma escuta mais sensível dos educandos perante a realidade, percebendo e valorizando o que a rotina cotidiana torna imperceptível ou quase inexistente aos nossos sentidos.

A resistência que tiveram de ouvir de olhos fechados nos revela que estamos cada vez mais reféns do sentido da visão. O escuro e o silêncio amedrontam nossas mentes. Talvez seja porque desconhecemos que “O silêncio é o receptáculo cósmico em que todas as linguagens são guardadas. Ele é a mãe de todas as linguagens e contém todas elas em si. Sem silêncio não há linguagem.” (PASCUCCI, 2005, p.50) E também porque conhecer traz responsabilidades que nem sempre são fáceis de assumir.

Mas o som soa na alma e ressoa pelo corpo e é mergulhando nesse mundo que começamos a cirandar. As cantigas de roda instigam o corpo ao movimento, à alegria, à felicidade de viver. O corpo gira, pula, requebra, vibra, quase grita. Mas a timidez e as correntes do sistema educacional ainda não permitem que a maioria mostre seus pensamentos, sentimentos e emoções de forma livre, a denotação prevalece em relação à conotação.

O som, a imagem, a palavra, o movimento e o silêncio brincam na teia da vida, nos espaços do tempo; existindo nas dimensões quase eternas do cosmos, ensinam a cada ser que nasce o despertar da ancestralidade essencial do viver, da brincadeira de ser feliz.

O segundo, terceiro e quarto momento analisados foram realizados na segunda fase do projeto 4 no segundo semestre de 2009.

4.2. APRENDER O MUNDO NA MAGIA DA COZINHA, REFOGANDO PALAVRAS, MOVIMENTOS, SONS E IMAGENS

4.2.1 Objetivos

Os nossos principais objetivos neste segundo momento, agora explicitados mais claramente, foram:

- Estimular a criatividade.
- Incentivar a comunicação entre as linguagens.
- Perceber o uso da linguagem escrita e matemática no cotidiano.
- Sensibilizar os educando à apreciação artística.

- Favorecer a construção de um texto coletivo.

4.2.2 - Desenvolvimento do trabalho pedagógico

O trabalho foi realizado em algumas etapas:

Primeiramente expliquei a eles o que aconteceria naquela vivência, depois convidei para que se despreguiçassem ao som da música 'Pé com Pé do grupo Palavra Cantada, intencionado que o corpo relaxasse, para melhor se comunicar com os estímulos que seriam proporcionados no decorrer da atividade, agora eles já estavam mais soltos e se envolveram com mais facilidade ao que propus, mesmo que alguns ainda demonstrassem receio de participar. Depois entreguei a letra da música 'A Sopa' também do grupo Palavra Cantada, para que ao apreciarem a música, percebessem que existe relação entre o que está escrito no papel e o que eles ouvem e ouviram. Eles gostaram da música, que deixei tocando num volume baixo durante toda a atividade, mais tarde alguns já cantavam acompanhando o CD. Apreciamos a música, também havia entregado uma folha com imagens dos ingredientes da sopa da música e alguns outros, e com essa folha eles escolheram os ingredientes que quisessem para colar na folha com a letra da música, construindo uma nova sopa. Queria que experimentassem a música de uma forma concreta. Em seguida conversei com eles se tomavam sopa em casa, e quais eram os ingredientes e propus que escrevêssemos no quadro a receita de uma sopa. Eles falavam os ingredientes, as quantidades e como a sopa devia ser feita. Eles participaram ativamente, alguns levantavam para que eu ouvisse melhor sua opinião, todos se sentiram envolvidos na construção da sopa, apesar de todos falarem ao mesmo tempo conseguimos construir uma sopa comunitária. No fim já era hora do lanche e, para alegria de todos, foi sopa.

4.2.3 – Reflexão acerca da prática educativa

Alongar dançando torna a redescoberta do corpo mais abrangente porque contempla a corporeidade e a musicalização, oportunizando que a realidade se aproxime da sala de aula.

Segundo o site Experta (2010):

O **alongamento** tonifica os músculos e elimina resíduos químicos indesejáveis que foram produzidos durante o esforço. Nesse momento, a mente deveria estar focada em cada parte que está sendo devidamente

alongada, sentindo-a plenamente e consciente do trabalho que está sendo feito. A mente, num processo posterior de relaxamento, se esvazia de todo o pensamento alheio e indesejável, como sentimentos de raiva, frustração, rancor, etc. e se concentra totalmente na recuperação e no bem-estar corporal.

Isso nos mostra que é uma atividade que vai para além dos limites da sala de aula, deve acompanhar outras dimensões do cotidiano dos educandos e de toda comunidade escolar.

O diálogo entre o som, a leitura, a imagem e a escrita transforma o processo de alfabetização e letramento mais concreto, significativo e divertido.

Ouvir os educandos motiva-os a participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. É um pouco do que Paulo Freire (2003) nos diz com seu conceito de *palavramundo*:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (p.11) [...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (p.20).

É no diálogo entre a escola e a comunidade que o cerca que a educação passa a ser mais significativa e eficaz.

4.3. SENTINDO A VIDA PELOS SENTIDOS OU PASSANDO POR ELA SEM SENTIDO?

4.3.1 Objetivos

Os objetivos deste momento foram:

- Sensibilizar os vários sentidos do corpo.
- Perceber as possibilidades de se comunicar com o mundo.
- Promover a construção de confiança e integração pelos colegas.

4.3.2 - Desenvolvimento do trabalho pedagógico

O trabalho foi realizado em algumas etapas:

Começamos com um alongamento e dançamos a música ‘Pé com Pé’ do grupo Palavra Cantada. Depois pedi que formassem duas filas uma ao lado da outra, para que se formassem pares, então uma fila fechou os olhos e os seus pares os guiaram pela sala, depois foi invertido os papéis. Ficar de olhos fechados e deixar que outro guie é complicado para as crianças: elas colocavam sobre os olhos para não ver, mas o medo de bater em algo ou em alguém os fazia ver o que estava acontecendo. Tinha intenção de que eles sentissem como o mundo fica diferente quando não usamos um sentido que pra nós é o mais importante. Então formamos cinco grupos de quatro alunos. E cada grupo ficou com um sentido do corpo. Levei uma sacola com vários materiais para estimular os sentidos, e cada grupo tinha que adivinhar o que lhe era apresentado utilizando somente o sentido que representava. Eles ficaram animados, cada grupo observava o outro para que ele não abrisse os olhos e estragasse a brincadeira de adivinhar. Depois conversamos sobre os sentidos e fizemos no quadro branco um desenho das partes do corpo que representam os sentidos. Como utilizei muitas frutas, no fim foi feita uma salada de fruta, que todos saborearam. Tencionava que percebessem a importância dos sentidos para a nossa vida, e torná-los mais conscientes de si mesmos.

4.3.3 - Reflexões acerca da prática educativa

O alongamento se tornou um ritual de iniciação a uma vivência educativa diferente do padrão do cotidiano escolar, sendo o conhecimento do corpo, segundo Deconto (2003, p.30), “um conhecimento de nós mesmos” o que contribui para o passeio pela comunicação das linguagens expressivas.

Percorrer as possibilidades que os sentidos do corpo ampliam a consciência corporal, e como nos afirma Rezende (2007, p.26) “Tem que fazer exercício físico [...] qualquer coisa que dê mais ânimo, oxigene o cérebro e proteja o coração. Qualquer coisa que aqueça a alma.”. O corpo precisa da exploração dos sentidos para melhor perceber e compreender o mundo.

Conforme Morin (2004, p.104) nos afirma: “A compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas.”. Isso nos mostra a importância de ver o todo na parte e a parte no todo.

4.4 – APRESENTANDO UMA NOVA MANEIRA DE APRENDER A MÚSICA E A CULTURA

4.4.1 Objetivos

Os objetivos deste momento foram:

- Promover a interação entre as turmas
- Valorizar a produção artística do educandos

4.4.2 – Desenvolvimento do trabalho pedagógico

O trabalho foi realizado em algumas etapas:

Primeiramente nos alongamos dançando a música *Pé com Pé*, depois ensaiamos a música que cantaríamos para outra turma. Relaxamos, a outra turma chegou, e apresentamos a música *Fico Assim Sem Você* do Claudinho e Bochecha. Muitos estavam envergonhados, mas com o poder do coletivo, a apresentação ficou boa. E no final algumas das meninas desfilaram. Depois que a outra turma foi embora após nos prestigiar, realizei o sorteio de um livro de histórias infantis e entreguei para cada aluno um CD com algumas músicas escutadas durante o meu período de prática educativa, que foram seis encontros. Minha intenção era que experimentassem uma vivência significativa de expressão e que isso os ajudasse a abrir horizontes no caminho da apreciação cultural.

4.4.3 – Reflexões acerca da prática educativa

A apresentação foi um momento rico para mostrar aos outros o que eles poderiam aprender, principalmente pelo ‘coro’ ter sido uma idéia sugerida pela própria turma, mas perceber que os outros estão observando você traz uma insegurança que o grupo grande ameniza e faz a realização de uma idéia ganhar um grande valor para sua formação.

O ato de apresentar aos outros algo construído por nossa vontade é um exercício de comunicação e de socialização.

Numa perspectiva mais ampla, segundo Deconto (2003, p.48): “A arte ensina a ver o implícito e o velado, instigando a marca humana que é a capacidade da *poiésis*, que faz e refaz nossas

relações conosco e com o mundo, não da maneira como é mas como ele deveria ser.” Percebendo que o “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 2000). Intervenção essa que por meio do acesso e resgate da cultura possibilita dialogar com a realidade e se escrever na história da humanidade.

*Eu vejo um novo / Começo de era
De gente fina / Elegante e sincera
Com habilidade
Pra dizer mais sim / Do que não, não, não...*

*Hoje o tempo voa amor / Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo / Que volte amor
Vamos viver tudo / Que há pra viver
Vamos nos permitir...
(Lulu Santos)*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver.
(Bertolt Brecht)*

Este trabalho é o início de meu desenvolvimento como educadora-reflexiva em contínua formação. Durante a pesquisa descobri novas possibilidades para a prática pedagógica e novas relações entre os conhecimentos da escola e da vida.

Pensando na práxis deste projeto por meio do trabalho pedagógico analisado, a educação integral mostrou-se possível, e um caminho para o seu desenvolvimento pode ser o diálogo e a interlocução entre diferentes linguagens.

Entendi que pensar numa educação diferente é também pensar em um ser humano diferente, e que o paradigma que estrutura nossa cultura escolar é passível de transformação, sendo que para se construir novos paradigmas é necessário a nossa reconstrução como seres humanos.

Compreendi que se o educador não estiver disposto a viver o que quer ensinar aos seus educandos, ele não conseguirá oferecer sentido ao objetivo da sua prática. E que as linguagens artísticas são dimensões da mesma humanidade, e é através deste elo que tem com cada pessoa que nos ensina a viver. Por isso a educação necessita casar-se com a arte, para que o eterno processo de ensino-aprendizagem seja vivido mais plenamente, tornando-nos mais humanos.

Dar sentido é como guardar tesouros na memória, refletindo suas belezas e seu valor nos pormenores da caminhada. A escola pode realmente diminuir as prisões.

Pretendo, a partir deste trabalho, continuar dialogando com as linguagens e colaborando para o desenvolvimento integral dos meus futuros educandos, mostrando as luzes da simplicidade

das obras de arte, que não pertencem aos famosos, mas a todos que sentem a vida percorrer-lhes o corpo e a alma.

Não me esquecendo de que: *Educar é produzir um ser humano feliz e sábio. Educar é produzir pessoas que amam o espetáculo da vida. [...] Educar é produzir sinfonia em que rimam dois mundos: o das ideias e o das emoções.* (Augusto Cury, 2006, p.26).

Enfim, educar é um ato de amor consciente.

Quero! (Identidade)

*Não sei quem sou,
Nem sei de onde vim,
Nem pra onde vou,
Quero tanto
Saber quem sou,
Se amo alguém
Ou se alguém me amou.
Dizem que o sol
Nasce para todos!
Então eu pergunto:
- Onde está o meu?
Que não brilha mais,
Que dentro da escola desapareceu!
Quero meu espaço,
Quero meu sorriso,
Quero minha voz
Que emudeceu.
Quero mais espaço,
Quero amplidão,

Quero abrir as asas
Da imaginação.
Quero uma escola,
Cheia de alegria,
Que na sua entrada
Não tenham escadas
Nem grandes paredões.
Quero uma escola,
Que me dê a mão
E que me ajude
Nessa construção.
Quero minha história,
Quero minha vida,
Quero minha origem
Que estava perdida.
Quero ser história,
Arte e harmonia.
Talvez algum dia
Também possa ser,
Um pouquinho de geografia.*

Luiz Gonzaga Marcolino Feitosa

PARTE III

PERSPECTIVA PROFISSIONAL

Perspectivas Profissionais

Minhas perspectivas para depois da formatura:

Primeiramente, passar no concurso da Secretária de Planejamento para professor da educação básica, freqüentar um Curso de Língua estrangeira para poder concorrer a um mestrado em Arte-Educação ou na mesma perspectiva do tema da monografia.

Freqüentar um curso de informática para me apropriar melhor das novas tecnologias, outro curso de língua estrangeira na perspectiva de um doutorado em Psicopedagogia ou em Arte, ou ainda em Educação Musical.

Construir uma escola que deve seguir as perspectivas desenvolvidas no trabalho de monografia; inicialmente atenderá a Educação Infantil e aos poucos deve atingir os outros níveis de educação.

Mais tarde, construir um Centro TransEducativo de Ciência e Arte no qual pretendo pôr em prática a construção do novo paradigma da educação, seguindo as perspectivas da complexidade e do paradigma holístico que dará suporte a minha escola.

Pretendo também me especializar em Música, Dança, Biologia Marinha e Astronomia. Fazer um curso de jardinagem e massoterapia.

Fazer um intercâmbio para a Itália ou Áustria ou Portugal para estudar Arte e Literatura.

E tentar publicar um livro infantil.

Mas de mais imediato vou trabalhar com minha mãe, fazendo artesanato, além de continuar estudando para prosseguir na carreira acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Século XX: A educação para a democracia In: **História da Educação**. São Paulo. Moderna, 1996, p: 167.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006. – (Coleção primeiros passos; 20). p.18:37.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática: Texto, Reflexão e Uso**. – 3ª ed. Form. - São Paulo: Atual, 2008.
- COLLA, Anamaria Lopes. A constituição da subjetividade docente: Um jogo de luzes e sombras. In: __. RAYS, Oswaldo Alonso. Org. **Trabalho Pedagógico: Realidade e Perspectivas**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- CURY, Augusto. Análise da Inteligência de Cristo – **O Mestre do Amor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- DECONTO, Neuza Maria. Educação, Arte e Movimento I. In: __ **Eixo Integrador: Cultura e Contexto Social. Áreas/Dimensões Formadoras: Organização do Trabalho Pedagógico e Organização do Processo Social – Educação, Arte e Movimento I; Filosofia e Práxis Pedagógica**. Módulo II. v.2. Curso de Pedagogia para Professores em exercício no Início de Escolarização. Brasília. 2001.
- DECONTO, Neuza Maria. Educação, Arte e Movimento II. In: __. **Eixo Integrador: Escola como Instituição Social. Área/Dimensão Formadora: Organização do Trabalho Pedagógico – Educação, Arte e Movimento II; Educação e Ciências Sociais II**. Módulo IV. v.1. Curso de Pedagogia para Professores em exercício no Início de Escolarização. Brasília. 2002.
- DECONTO, Neuza Maria. Educação, Arte e Movimento III. In: __. **Eixo Integrador: Currículo e Diversidade Cultural. Áreas/Dimensões Formadoras: Organização do Processo Social e Organização do Trabalho Pedagógico – Educação, Arte e Movimento III; Multiculturalismo e Educação**. Módulo V. v.3. Curso de Pedagogia para Professores em exercício no Início de Escolarização. Brasília. 2003.
- DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir – Relatório para Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez. Brasília: UNESCO. MEC. 1998. p.89-102.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/discurso.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2010.

DURKHEIM, Émilie. Educação e Sociologia. In:__. MENDONÇA, Erasto Fortes. **Organização do Processo Educativo e Organização do Processo social : Educação e Sociedade numa Perspectiva Sociológica**. Módulo I –vol. 3. Curso de Pedagogia para Professores em exercício no Início de Escolarização. Brasília. Editora UnB.2001. p.92.

ENTERPRISES, N. e. thing. **Olho Mágico: Uma nova maneira de ver o mundo**. Martins Fontes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra S /A. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra S/A. 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. - 45.ed. – São Paulo. Cortez, 2003.

GALLO, Silvio. Filosofia e Cidadania. In: DECONTO, Neuza Maria. Educação, Arte e Movimento II. In:__. **Eixo Integrador: Escola como Instituição Social. Área/Dimensão Formadora: Organização do Trabalho Pedagógico – Educação, Arte e Movimento II; Educação e Ciências Sociais II**. Módulo IV. v.1. Curso de Pedagogia para Professores em exercício no Início de Escolarização. Brasília. 2002. p.26-28.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. Educação e Língua Materna III: Alfabetização e Leitura. In:__. **Eixo Integrador: Educação e Trabalho. Área/Dimensão Formadora: Organização do Trabalho Pedagógico - Educação e Língua Materna III: Alfabetização e Leitura; Bases Pedagógicas do Trabalho Escolar II**. Módulo III. v.1. Curso de Pedagogia para Professores em exercício no Início de Escolarização. Brasília. 2002.

GARCIA, Lenise Aparecida Martins. Transversalidade. **Presença Pedagógica**. Minas Gerais, ano 8, n.45, p. 82-84, maio/jun. 2002.

HENTSCHKE, Liane & BEM, Luciana Del, (org). Aula de música: do planejamento e avaliação à prática educativa. IN:__. **Ensino de Música: propostas para pensar e agir em sala de aulas**. São Paulo: Moderna, 2003.

HORTÉLIO, Lydia. “Brincar é o maior exercício de liberdade que o ser humano pode fazer”. **Instituto Brincante: um olhar brincante para o mundo**. São Paulo, ano 17. p.22-23.

MARQUES, José Luiz. **O Professor e a Pesquisa: Professor Pesquisador e Professor Reflexivo**. Disponível em < <http://www.webartigos.com/articles/34099/1/PROFESSOR-PESQUISADOR-E-PROFESSOR-REFLEXIVO/pagina1.html> > Acesso em: 15/08/2010, 18h54.

MENDONÇA, Erasto Fortes. **Organização do Processo Educativo e Organização do Processo social : Educação e Sociedade numa Perspectiva Sociológica**. Módulo I –vol. 3.

Curso de Pedagogia para Professores em exercício no Início de Escolarização. Brasília.2001. p.102.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez/UNESCO. 9ª edição. 2004.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: __. MARTINS, Francisco Menezes. SILVA, Juremir Machado da. Org. **Para navegar no século XXI – Tecnologias do Imaginário e Cibercultura**. 3ªed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs. 2003. Disponível em: <http://edgarmorin.org.br/textos.php?tx=19>. Acesso em: 16 jul.2010, 23:28:30.

PASCUCCI, Maria Verônica. **Som, Música e Silêncio: Reflexões**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) FE, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

PEREREIRA, Maria Amélia Pinho. “Nossa Pedagogia é deixar a criança brincar em paz”. **Instituto Brincante: um olhar brincante para o mundo**. São Paulo, ano 17. p.12-13.

PESSOA, Fernando. **Pedacinho de Pessoa**; ilustrações de Ângela Lago. Belo Horizonte: RHJ, 1996.

POLONIA, A. C.; SILVA, A. A.; SILVA, M. S.; BRANDÃO, S. A. **Eixo Integrador: Escola como Instituição Social. Áreas / Dimensões Formadoras: Organização do Processo Educativo e Organização do Processo Social: Contribuições da Psicologia para a Educação**. Módulo IV – vol. 3. Curso de Pedagogia para Professores em exercício no Início de Escolarização. Brasília. 2002.

RESTREPO. Luis Carlos. **O Direito à Ternura**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

REY, Fernando L. Gonzalez. Psicologia e Educação: Desafios e Projeções. In: __. RAYS, Oswaldo Alonso. Org. **Trabalho Pedagógico: Realidade e Perspectivas**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

SCALDO, Gildo. UDE, Walter. Transdisciplinaridade e complexidade. **Presença Pedagógica**. Minas Gerais, ano 9, n. 52, p. 70-73, jul./ago. 2003.

TELES, Gilberto Mendonça. Falavra. Lisboa: Dinalivro, 1989. p 125-6. In: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática: Texto, Reflexão e Uso**. – 3ª ed. Form. - São Paulo: Atual, 2008.

Você e seu corpo – **Os benefícios do alongamento e do relaxamento**. Disponível em: <http://www.experta.com.br/tariqexperta/voce/voce_corpo.html> acesso em: 19h35 – 10/08/2010

DISCOGRAFIA

Grandes compositores da música clássica. – v.4 – São Paulo: Abril Coleções, 2009. 36p.:IL.;12,8cm +CD.

ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos; MONTE, Marisa. Velha Infância. Intérprete: Arnaldo Antunes & Carlinhos Brown & Marisa Monte. In: **Tribalistas**. [S. l.]: EMI, 2002. 1 CD. Faixa 3.

BUARQUE, Chico. Roda Viva. Intérprete: MPB4 E Chico Buarque. In: **Quarenta Anos contra a corrente**. [S. l.]: Universal Music, 2005. CD1. Faixa 3.

Ciranda Cirandinha. Intérprete: Carequinha. In: **Carequinha: Cantigas de Roda & Cantigas de Roda 2**. [S. l.]: EMI Music LTDA, 2002. 1 CD. Faixa 1.

PENSADOR, Gabriel O. Intérprete: Gabriel Pensador. In: **Ainda é Só o Começo**. [S. l.]: Chaos/Sony Music, 1995. 1 CD. Faixa 6.

SANTOS, Lulu. Tempos Modernos. In: **Lulu Acústico**. [S.l.]: Sony & BMG, 2000. CD1. Faixa 10.

SARTER, Almir. TEIXEIRA, Renato. Intérprete: Almir Sarter. In: **Almir Sarter ao vivo**. [S. l.]: Columbia / Sony Music, 1992. 1 CD. Faixa 2.

ANEXOS

Livros (lidos)

1º Semestre:

A Divina Comédia
O Senhor dos Anéis – O Retorno do Rei

2º Semestre:

As cinco pessoas que você encontra no céu
As aventuras do rei Baribe

3º Semestre:

Dez Leis para Ser Feliz
O Manual do Guerreiro da Luz
Maktub
O Profeta
O Jardim do Profeta

4º Semestre:

Musashi (vol. I)
Musashi (vol. II)
Um passe de mágica
Nêmesis
Eragon
Eldest
A Noite das Bruxas
É fácil matar

5º Semestre

O Presente Precioso
Posso aprender antes de nascer
Eragon
Eldest
Manual da futura mamãe

6º Semestre

Maktub (Malba Tahan)
O amor é contagioso

7º Semestre

Brisingr
Encontro Marcado
Gente

8º Semestre

Poesia do Encontro
O Pequeno Príncipe
Eragon

9º Semestre

Brisingr
Eragon

10º Semestre

Pedagogia do Amor
Crimes do ABC
Seguindo a correnteza
Poirot sempre espera e outras histórias
O Jogo das Contas de Vidro
101 maneiras de conversar com Deus
O Mestre do Amor
As Mil e Uma Noite (v.1)
Tempo de delicadeza

Músicas

1º Semestre:

Onde você mora
Fico assim sem você
Monte Castelo
Quando o sol bater na janela do teu quarto
Ela disse adeus
Hotel Califórnia
Send Me Angel
Dust in the Wind
Have you ever really loved a woman
Core Della Vitta

2º Semestre:

Coração de Estudante
Canção da América
Encontro e Despedidas
O Segundo Sol
Palavras ao Vento
Sons de Carrilhões
Avisa
Xote dos Milagres
Tempos Modernos
Apenas Mais Uma de Amor
Coração
Não vou mais chorar
Utopia
A verdade é bem maior
Mãe do céu morena
Em prol da vida
Fairy Tale
Wigwam
Ballade pour Adeline
Kyrie
Frevo
Three Madrigals
Viola Enluarada
Se equivoco la paloma
Ain't she sweet
Hallelujah

3º Semestre:

Wigwam
F... Comme Femme

Ballade pour Adeline
Don't cry for me Argentina
Bicho de sete cabeças
Mulher nova, bonita e carinhosa faz o
homem gemer sem sentir dor
Coração de Estudante
Canção da América
Encontro e Despedidas
Primavera, de 'As Quatro Estações'
O Passeio de Trenó
Uma Pequena Música Noturna
Assim falava Zarathustra – Tema de 2001:
Uma Odisséia no Espaço
Bolero
Dança Macabra
Pour Elise
Aleluia, de 'O Messias'
Danúbio Azul
Tritsch-Tratsch Polka
Valsa de "Serenata para Cordas"
Valsa das Flores, de "O Quebra – Nozes"
Vozes da Primavera
Fairy Tale
Changes
Rosanna
Dos Palomitas
False Love
Amar é...
Give me Jesus
Noite de paz! Noite de Amor!
Christmas, Sing Noel!
Pumb It
Hips don't Lie
Aquarela

4º Semestre:

Benke
Você me faz tão bem
Não consigo ser alegre o tempo inteiro
Além de mim
Astronauta de Mármore
Monte Castelo

Oh meu bem
 Antes das Seis
 Hips don't Lie
 Fico assim sem você
 Calix Bento
 Coração de Estudante
 Tempos Modernos
 Primavera de 'As Quatro Estações'
 Amar é...
 Apenas mais uma de amor
 Girassol
 Colo de Menina
 Catedral
 É isso aí
 Xote da Alegria

5º Semestre:

Quem disse que o amor pode acabar
 Primavera de "As Quatro Estações"
 Fairy Tale
 Halleluia de Handel
 Hotel Califórnia
 Você me faz tão bem
 Eu não consigo ser alegre o tempo inteiro
 Tempos Modernos
 Xote dos Milagres
 Xote da Alegria
 Rindo à toa
 Avisa
 Eu amo mais você
 Benke
 Fico assim sem você
 Colo de menina
 Apenas mais uma de amor
 Monte Castelo
 Um anjo do céu
 Penas do Tié
 Todo sentimento

6º Semestre:

Tempos Modernos
 Xote dos Milagres
 Xote da Alegria
 Rindo à toa
 Avisa
 Eu amo mais você
 Benke
 Fico assim sem você
 Você me faz tão bem
 Fairy Tale

Apenas mais uma de amor
 Monte Castelo
 Um anjo do céu
 Catedral
 Rock in roll lullabay
 Do seu lado
 Como é grande meu amor por você
 Um anjo do céu
 Eu só peço a deus

7º Semestre:

Ilusion
 Luna
 Eu amo mais você
 Quem disse que o amor pode acabar
 Então é natal
 Leilão
 Do seu lado
 Fairy Tale
 Tempos Modernos
 Tormento d' amore
 Mais uma de amor
 Vou vivendo
 Trenzinho Caipira
 As quatro estações
 Um anjo do céu

8º Semestre:

I don't want to talk about it
 Oh, meu bem
 Xote da Alegria
 Eu e você sempre
 Tempos modernos
 Que seja
 Xote na Lua
 Giz
 Nosso Xote
 Há Tempos
 Monte Castelo
 Coração de Estudante
 A lista
 Sapatilha 37
 Distante de você
 Renata, renatinha
 Inovação
 Salsa
 Salsa mix kiut 2006
 Eu só quero um xodó
 Dejame un beso que me dure hasta el lunes
 Óculos

Lanterna dos Afogados
 Ela disse Adeus
 Leãozinho
 Roda Viva
 Chikyuugi
 Harmonia
 Wind
 Only You (luna)
 Sozinho
 Ciranda da Bailarina
 Eu te devoro
 Oceano
 Hotel Califórnia
 O melhor forró do mundo
 Segredos
 Nagareboshi
 Blue bird
 Deixa isso pra lá
 Identidade
 Descobri que te amo demais
 Ilusion
 Hinata's theme
 Natsuhiboshi
 Carolina
 Oh, Chuva!
 Alma
 Uma Brasileira
 Te estrano
 Astronauta de Mármore
 Mina do Condomínio

9º Semestre:

Natsuhiboshi
 Carolina
 Oh, Chuva!
 Alma
 Uma Brasileira
 Uti var hage
 Si god afton och god kvall
 Suite dos Pescadores
 Penas do Tié
 Trem das Onze
 Astronauta de Mármore
 Ela disse Adeus
 Leãozinho
 Roda Viva
 Chikyuugi
 Harmonia
 Wind
 Na noite em que nasceu

Tempos Modernos
 Besos de coral

10º Semestre:

Baby Can I Hold You
 What's up
 Valsa de Amelie
 Jamais alle
 Soir de fete
 Lês jours tristes
 La Noyee
 Comptine D'un Autre Ete L'apres
 Le banquet
 Sur le fil
 Suavemente
 Redescobrir
 Ando devagar
 Águas de março
 Volare
 O que é o que é
 Chiisaki mono
 Mordred's Lullaby
 Tempos modernos
 Coração de Estudante
 Canção da América
 Bola de meia, bola de gude
 Pela luz dos olhos teus
 Eu nasci há dez mil anos atrás
 Amigo
 Chikyuugi
 This little light of mine
 Vem me ajudar
 É primavera
 O caderno
 Alma
 Kaoma
 Deixa a vida me levar
 Eu e você sempre
 Cada irmão
 El arbi
 Butterfly
 Morena Tropicana
 Pensa em mim
 Coração Bobo
 Estou pensando em Deus
 Minha vida tem sentido
 Meu lar
 É hora de lutar
 Esse é meu lugar
 Toquem o clarim

Anunciação
Aimey
Sozinho
Deus lhe pague
O Malandro
The Twist
Onde você mora
Pensamento

Eu te devoro
Oceano
Amor pra recomeçar
Segredos
Dancing Days
He mele no lilo
Hey Jude
É primavera

Filmes , Desenhos Animados, Animes, Mangás e Séries

Mr.Holland, Adorável Professor	Mulan 2
Mudança de Habito 2	Happy Fett - o pinguim
Escola de Rock	A bela e a fera
O carteiro e o poeta	Aristogatas
Uma noite no museu	Alladin
V de Vingança	Cinderela
Nanny Mc Phee - A babá encantada	Irmão Urso
A espera de um milagre	Lilo e Stith
Sob o Sol da Toscana	Hans e os patins de prata
Stardust - O Mistério da Estrela	FormiguinhaZ
O Senhor dos Anéis: A sociedade do anel	Ratatouille
O Senhor dos Anéis: As duas torres	Wall-e
O Senhor dos Anéis: O retorno do rei	Cinderela
Os Saltimbancos Trapalhões	Dumbo
Mudança de Habito 1	Vida de Inseto
Fantasia 1940	Bernado e Bianca
Verônica	Hércules
Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal	Pocahontas
Meu Nome é Radio	Spirit, o corcel indomável
A vida é bela	
Central do Brasil	Pokemon
Click	Chaotic
Gênio Indomável	Naruto
Ilha das Flores	Cavaleiros do Zodíaco
Jamaica Abaixo de Zero	A turma do Pernalonga
O Auto da Compadecida	
O Menino Maluquinho	CSI
O Show de Truman	Dr. HOUSE
O Todo Poderoso	A Caçadora de Relíquias
Os Filhos do Silêncio	
Patch Adams - O amor é contagioso	Ice Revolution
Nell	Naruto
Uma Mente Brilhante	Kenichi
A creche do papai	Rosário+Vapire
Os Muppets conquistam Nova York	As Estrelas Cantam
O Fabuloso Destino de Amélie Poulain	Aishiteruze Baby
	Full Moon – O Sagashite
As Aventuras de Tintin	MÄR
	Ultramaniac
O Rei Leão 2	
O Rei Leão 1	
Mulan 1	

